

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

A. H. de Oliveira  
bat. 299, n° 2204

71500

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

---

PRIMEIRA PARTE.

---



LISBOA:

---

NA TIP. DE J. F. M. DE CAMPOS. 1824.

COMPRA  
217338

2.  
64122.

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

---

LYRA I.

**E**u, Marilia, não sou algum vaqueiro;  
Que viva de guardar alheio gado,  
De tosco trato, de expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.  
Tenho proprio casal, e nelle assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,  
Las brancas ovelhinas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto?

Graças, Marilia tella,

Graças á minha Estrella!

Eu

Eu vi o meu semblante n'uma fonte ,  
Dos annos inda não está cortado :  
Os Pastores , que habitão este monte ,  
Respeitão o poder do meu cajado.  
Com tal destreza toco a sanfoninha ,  
Que inveja até me tem o proprio Alceste :  
Ao son della concerto a voz celeste ;  
Nem canto letra que não seja minha.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Mas tendo tantos dotes da ventura ,  
Só aprêço lhes dou , gentil Pastora ,  
Depois que o teu affecto me segura ,  
Que queres do que tenho ser Senhora.  
He bom , minha Marilia , he bom ser dono  
De hum rebanho , que cubra monte, e prado  
Porém , gentil Pastora , o teu agrado  
Vale mais q' hũ rebanho , e mais q' hũ throno.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Os teus olhos espalhão luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve :  
Papoila, ou rosa delicada, e fina,  
Te cobre as faces, que são côr da neve.  
Os teus cabellos são huns fios d'ouro ;  
Teu lindo corpo balsamos vapora.  
Ah ! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,  
Para gloria de Amor igual Thesouro.  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella !

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado :  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar huma rez, o nedeo gado.  
Já destes bens, Marilia, não preciso :  
Nem me céga a paixão, que o mundo arrasta,  
Para viver feliz, Marilia, basta  
Que os olhos movas, e me dês hum riso.  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella !

Hirás a divertir-te na floresta ;  
Sustentada, Marilia, no meu braço ;  
Aqui descançarei a quente sésta ,  
Dormindo hum leve somno em teu regaço :  
Em quanto a luta jogão os Pastores ,  
E emparelhados correm nas campinas ,  
Toucarei teus cabellos de boninas ,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte  
Ou seja neste monte , ou n'outra serra ,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dous a mesma terra.  
Na campa, rodeada de cyprestes ,  
Lerão estas palavras os Pastores :  
„ Quem quizer ser feliz nos seus amores ,  
„ Siga os exemplos que nos derão estes „  
Graças, Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !



## L Y R A II.

**P**INTÃO, Marilia, os Poetas  
A hum menino vendado,  
Com huma aljava de settas,  
Arco empunhado na mão:  
Ligeiras azas nos hombros,  
O tenro corpo despido;  
E de Amor, ou de Cupido  
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,  
Que assim seja Amor; pois elle  
Nem he moço, nem he cégo,  
Nem settas, nem azas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Hum retrato mais perfeito,  
Que elle já ferio meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos ;  
Que sobre as costas ondeão ,  
São que os de Apollo mais bellos ;  
Mas de loura côr não são.  
Tem a côr da negra noite ;  
E com o branco do rosto  
Fazem , Marilia , hum composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda , e lisa testa ;  
Arqueadas sobrançelhas ;  
A voz meiga , a vista honesta ,  
E seus olhos são huns sóes.  
Aqui vence Amor ao Ceo ,  
Que no dia luminoso  
O Ceo tem hum Sol formoso ,  
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa,  
Marilia, estão misturadas  
Purpureas folhas de rosa,  
Branças folhas de jasmim.  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beijos são formados;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito  
Dei logo hum suspiro, e elle  
Conheceo haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava:  
Vendo que o via, baixava  
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso ;  
Elle ouvindo os seus louvores  
Com hum modo desdenhoso ,  
Se surrio , e não fallou.  
Pintei-lhe outra vez o estado ;  
Em que estava esta alma posta ;  
Não me deo tambem resposta ,  
Constrangeo-se , e suspirou.

Conheço os signaes , e logo  
Animado da esperança ,  
Busco dar hum desaffogo  
Ao cansado coração.  
Pégo em seus dedos nevados ,  
E querendo dar-lhe hum beijo ,  
Cubrio-se todo de pejo ,  
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,  
Comtigo estarás dizendo,  
Que he este o retrato teu.  
Sim, Marilia, a copia he tua,  
Que Cupido he Deos supposto:  
Se ha Cupido he só teu rosto,  
Que elle foi quem me venceo.

---

## L Y R A III.

**D**E amar, minha Marilia, a formosura  
Não se podem livrar humanos peitos.  
Adorão os Heróes, e os mesmos brutos  
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.  
Quem, Marilia, despreza huma belleza;  
A luz da razão precisa,  
E se tem discurso, pisa  
A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jovê  
Huma vez se mudou em chuva de ouro :  
Outras vezes tomou as varias fórmas  
De General de Thebas , velha , e touro.  
O proprio Deos da Guerra deshumano  
Não viveo de amor illeso ;  
Quiz a Venus , e foi prezo  
Na rede , que lhe armou o Deos Vulcano :

Se amar huma belleza se desculpa  
Em quem ao proprio Ceo , e terra move ;  
Qual he a minha gloria , pois igualo ,  
Ou excedo no amor ao mesmo Jove ?  
Amou o Pai dos Deoses Soberano  
Hum semblante peregrino :  
Eu adoro o teu divino ,  
O teu divino rosto , e sou humano.

## L Y R A IV.

**M**ARILIA, teus olhos  
São réos, e culpados,  
Que soffra, e que beije  
Os ferros pezados  
De injusto Senhor.

Marilia, escura  
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,  
O sangue gelou-se,  
A lingua prendeo-se,  
Tremi, e mudou-se  
Das faces a côr.

Marilia, escura  
Hum triste Pastor.

A vista furtiva ,  
O risco imperfeito ,  
Fizerão a chaga ,  
Que abriste no peito  
Mais funda , e maior.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te ;  
Levava o teu gado  
A' fonte mais clara ,  
A' vargem , e prado  
De relva melhor.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade ,  
Trazia nos ninhos  
As aves nascidas ,  
Abrindo os biquinhos  
De fome ou temor.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.



Se alguém te louvava  
De gosto me enchia;  
Mas sempre o ciúme  
No rosto accendia  
Hum vivo calor.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,  
Dirceo se alegrava;  
Se estavas sentida,  
Dirceo suspirava  
A' força da dor.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,  
Marilia dizia;  
Surria-se aquella,  
E eu conhecia  
O erro de amor.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,  
De tanta ternura,  
Nos braços me dêste,  
Da tua fé pura  
Hum doce penhor.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste  
Que tudo podia  
Mudar de figura;  
Mas nunca seria  
Teu peito traidor.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;  
E a Olaia frondoza,  
Aonde escreveste  
A jura horrorosa,  
Tem todo o vigor:  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Mas

Mas eu te desculpo,  
Que o fado tyranno  
Te obriga a deixar-me;  
Pois busca o meu damno  
Da sorte, que for.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

---

## L Y R A V.

**A**caso são estes  
Os sitios formosos,  
Aonde passava  
Os annos gostosos?  
São estes os prados,  
Aonde brincava,  
Em quanto pastava  
O manso rebanho,  
Que Alceo me deixou?

São estes os sitios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera que eu vou.

Daquelle penhasco  
Hum rio cahia,  
Ao som do sussurro  
Que vezes dormia!  
Agora não cobrem  
Espumas nevadas  
As pedras quebradas:  
Parece que o rio  
O curso voltou.

São estes os sitios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera que eu vou.

Meus versos alegre  
Aqui repetia :  
O Eco as palavras  
Tres vezes dizia.  
Se chamo por elle  
Já não me responde ;  
Parece se esconde ,  
Cansado de dar-me  
Os ais que lhe dou.

São estes os sitios?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui hum regato

Corria sereno ,

Por margés cobertas

De flores , e feno :

A' esquerda se erguia

Hum bosque fechado ;

E o tempo apressado ,

Que nada respeita ,

Já tudo mudou.

São

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia , tu chamas ?  
Espera que eu vou.

Mas como discorro ?  
Acaso podia  
Já tudo mudar-se  
No espaço de hum dia ?  
Existem as fontes ,  
E os freixos copados ;  
Dão flores os prados ,  
E corre a cascata ,  
Que nunca seccou.

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia , tu chamas ?  
Espera que eu vou.

Minha alma, que tinha  
Liberia a vontade,  
Agora já sente  
Amor, e saudade.  
Os sitios formosos,  
Que já me agradarão,  
Ah! não se mudarão!  
Mudarão-se os olhos,  
De triste que estou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

## L Y R A VI.

**O**h! quanto póde em nós a varia Estrella!  
Que diversos que são os genios nossos!

Qual solta a branca vélla,  
E affronta sobre o pinho os mares grossos.  
Qual cinge com a malha o peito duro;  
E marchando na frente das cohortes,  
Faz a toare voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão trabalha,  
Que possa o filho entrar no seu Thesouro.

Aqui fechado estende  
Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.  
Sacode o jogador do copo os dados;  
E n'uma noite só, que ao somno rouba,  
Perde o resto dos bens do pai herdados.



O que da voráz guila o vicio adora  
Da lauta meza os prazeres fia.

E o terno Alceste chora  
Ao som dos versos a que o genio o guia.  
O sabio Gallileo toma o compasso,  
E sem var ao Ceo, calcula, e mede  
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a varia gente,  
Se deixa conduzir do proprio gosto;  
Passo as horas contente  
Notando as graças do teu lindo rosto.  
Sem cansar-me a saber se o Sol se móve,  
Ou se a terrá voltea, assim conheço.  
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;  
E noto as faces de Jasmins, e rosas:

Noto os teus olhos bellos;  
Os brancos dentes, e as feições mimosas.  
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,  
Minha bella Marilia, tambem póde  
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

## L Y R A VII.

**V**ou retratar a Marília,  
A Marília meus amores ;  
Porém como , se eu não vejo  
Quem me empreste as finas cores !  
Dar-mas a terra não póde ;  
Não que a sua côr mimosa  
Vence o lyrio , vence a rosa :  
O jasmim , e as outras flores.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
Ao mais grato empenho meu !  
Vôa sobre os Astros , vôa ,  
Traz-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo ;  
Busquemos hum pouco mais ;  
Nos mares talvez se encontrem  
Cores que sejam iguaes.  
Porém não , que em parallelo  
Da minha Ninfa adorada  
Perolas não valem nada ,  
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
Ao mais grato empenho meu !  
Vôa sobre os Astros , vôa ,  
Traz-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se podem  
Taes bellezas , como aquellas ,  
Que Marilia tem nos olhos ,  
E que tem nas faces bellas.  
Mas ás faces graciosas ,  
Aos negros olhos , que matão ,  
Não imitão , não retratão  
Nem Auroras , nem Estrellas.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
Ao mais grato empenho meu !  
Vôa sobre os Astros , vôa ,  
Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos , Amor , entremos ,  
Entremos na mesma Esfera.  
Venha Pallas , Venha Juno ,  
Venha a Deosa de Cithera.  
Porém não , que se Marilia  
No certame antigo entrasse ,  
Bem que a Paris não peitasse ,  
A todas as tres vencera.

Vai-te , Amor , em vão soccorres  
Ao mais grato empenho meu :  
Para formar-lhe o retrato  
Não bastão tintas do Ceo.

## L Y R A VIII.

**M**ARILIA, de que te queixas?

De que te roube Dirceo

O sincero coração?

Não te deo tambem o seu?

E tu, Marilia, primeiro

Não lhe lançaste o grilhão?

Todos amão : só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas

Não rulão ternos pombinhos?

E rulão, Marila, em vão?

Não se afagão c'os biquinhos?

E a provas de mais ternura

Não os arrasta a paixão?

Todos amão : só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Já viste, minha Marília,  
Avezinhas, que não fação  
Os seus ninhos no verão?  
Aquellas com quem se enlação  
Não vão cantar-lhe defronte  
Do molle pouzo em que estão?  
Todos amão: só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter izenção?

Se os peixes, Marília, gerão  
Nos bravos mares, e rios,  
Tudo effeitos de Amor são.  
Amão os brutos impios,  
A serpente venenosa,  
A Onça, o Tigre, o Leão. .  
Todos amão: só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter izenção?

As grandes Deusas do Ceo ,  
Sentem a setta tyranna  
Da amorosa inclinação.  
Diana , com ser Diana ;  
Não se abrasa , não suspira  
Pelo amor de Endymão ?

Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter izenção ?

Desiste , Marilia bella ,  
De huma queixa sustentada  
Só na altiva opinião.  
Esta chamma he inspirada  
Pelo Ceo ; pois nella assenta  
A nossa conservação.

Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Não deve ter izenção.

## L Y R A IX.

**E**u sou , gentil Marilia , eu sou captivo;  
Porém não me venceo a mão armada  
De ferro , e de furor :  
Huma alma sobre todas elevada  
Não cede a outra força que não seja  
A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora  
Cadêas nas bigornas trabalhadas  
Com pezados martellos :  
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas  
Com duros ferros não , com fios d'ouro ,  
Que são os teus cabellos.



Occulto nos teus meigos vivos olhos  
Cupido a tudo faz tyranna guerra:  
Sacode a setta ardente;  
E sendo despedida cá da terra,  
As nuvens rompe, chega ao alto Impirio;  
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas  
Tirác, Marilia, os succos saborosos  
Das orvalhadas flores:  
Pendentes dos teus beijos graciosos  
Ambrosias chupão, chupão mil feitiços  
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas  
As folhas, que menêa com brandura;  
A fonte crystallina,  
Que sobre as pedras cáe de immensa altura;  
Não fórma hum som tão doce, como fórma  
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitão;  
Exalão mil suspiros desvelados  
    Enchames de desejos;  
Se encontrão os teus olhos descuidados,  
Por mais que se atropelem, voão, chegão,  
    E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago;  
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;  
    A Náo que ao longe passa,  
Quando o vento lhe infuna o panno grosso;  
O teu garbo não tem, minha Marilia,  
    Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade:  
Eu prézo o captivo: sim, nem chamo  
    A' mão de Amor impia:  
Honro a virtude, e os teus dotes amo:  
Tambem o grande Achilles veste a saia  
    Tambem Alcides fia.

## LYRA X.

**S**e existe hum peito,  
Que izento viva  
Da chamma activa,  
Que accende Amor.

Ah ! não habite  
Neste montado ;  
Fuja apressado  
Do vil traidor.

Corra , que o Impio  
Aqui se esconde :  
Não sei aonde ;  
Mas sei o que vi.

Traz novas settas ,  
Arco robusto ;  
Tremi de susto ;  
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,  
Tristes mortaes,  
Quantos signaes  
O Impio tem.

Oh! como he justo,  
Que todo o humano  
Hum tal tyranno  
Conheça bem!

No corpo ainda  
Menino existe:  
Mas quem resiste  
Ao braço seu?

Ao negro Inferno  
Levou a guerra:  
Vencêo a terra,  
Vencêo o Ceo.

Já mais se cobrem  
Seus membros bellos;  
E os seus cabellos  
Que lindos são!

Vendados olhos,  
Que tudo alcançao,  
E já mais lançao  
A setta em vão.

As suas faces  
São côr da neve;  
E a bocca breve  
Só rizos tem.

Mas, ah! respira  
Negros venenos,  
Que nem ao menos  
Os olhos vem.

Alguns lãvã  
Debaixada,  
Se não se  
De pouzã  
Fico com  
Agua e  
Com  
Ela

Se a  
Tem  
Que a  
Já mais  
M  
A  
M  
Foi

Aljava grande  
Dependurada,  
Sempre atacada  
De bons farpões.

Fere com estas  
Agudas lanças,  
Pombinhas mansas,  
Bravos leões.

Se a setta falta  
Tem outra prompta;  
Que a dura ponta  
Já mais torcêo.

Ninguém resiste  
Aos golpes della:  
Marilia bella  
Foi quem lha dêo.

Ah ! não sustente  
Dura peleija,  
O que deseja  
Ser vencedor.

Fuja, e não olhe,  
Que só fugindo  
De hum rosto lindo,  
Se vence Amor.

---

## L Y R A XI.

**N**ão toques, minha Musa, não, não toques,  
Na sonora Lyra,  
Que ás almas, como a minha, namoradas  
Doces Canções inspira:  
Assopra no clarim, que apenas sôa  
Enche de assombro a terra;  
Naquelle, a cujo som cantou Homero,  
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma  
Cupido o seu thesouro:  
Vivos olhos, e faces côr da neve,  
Com crespos fios de ouro;  
Meus olhos só vem graminhas, e loureiros;  
Vem carvalhos, e palmas;  
Vem os ramos honrosos, que distinguem  
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.



Cantemos o Heróe, que já no berço  
As Serpes despedaça;  
Que fere os Cácos, que destronça as Hidras,  
Mais os leões que abraça.  
Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra  
Dos Tritões, e Tyféos,  
Que arrancão as montanhas, e atrevidos  
Levãõ armas aos Céos.

Busquemos, ó Musa,  
Empresa maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,  
Que a voz também levanto;  
Porém tu déste muito assima o pònto;  
Dirceo não póde tanto:  
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste,  
Eu já, eu já te sigo.  
Mas, ah! vou a dizer *Heróe, e Guerra,*  
E só *Marilia* digo.

Deixemos, ó Musa,  
Empreza maior,  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora  
Meu canto já se afina;  
E a hum a voz, parece que ao sòm dellas  
Se faz tambem divina.  
O mesmo que cercou de muro a Thebas  
Não canta assim tão terno;  
Nem póde competir comigo aquelle,  
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,  
Empreza maior,  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves  
Mostrão signaes de espanto,  
Erguem os collos, voltão as cabeças,  
Parão o ledto canto;  
Move-se o tronco, o vento se suspende  
Pasma o gado, e não come:  
Quanto podem meus versos! Quanto pôde  
Só de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor,

## L Y R A XII,

**T**OPEI hum dia.  
Ao Deos vendado,  
Que descuidado  
Não tinha as setas  
Na impia mão.

Mal o conheço,  
Me sóbe logo  
Ao rosto o fogo,  
Que a raiva accende  
No coração.

*Morre, Tyranno,*  
*Morre, inimigo!*  
Mal isto digo,  
Raivoso o apérto  
Nos braços meus.

Tanto que o moço  
Sente apertar-se,  
Para salvar-se  
Tambem me aperta  
Nos braços seus.

O leve corpo  
Ao ar levanto,  
Ah! e com quanto  
Impulso o trago  
Do ar ao chão!

Poude suster-se  
A vez primeira;  
Mas á terceira  
Nos pés, que alarga,  
Se firma em vão.

Mal o derrubo,  
Ferro aguçado  
No já cansado  
Peito, que arqueja,  
Mil golpes deo.

Suou seu corpo;  
Tremêo gemendo;  
E á côr perdendo,  
Batêo as azas;  
Em fim morreo.

Qual bravo Alcides ,  
Que a hirsuta pelle  
Vestio daquelle  
Grenhoso bruto ,  
A quem matou.

Para que prove  
A empreza honrada ,  
C'ò a mão manchada  
Recolho as setas ,  
Que me deixou.

Ouvio Marilia  
Que Amor gritava ,  
E como estava  
Vizinha ao sitio  
Valer-lhe vem.

Mas quando chega  
Espavorida ,  
Nem já de vida  
O féro monstro  
Indicio tem.

Então Marília ,  
Que o vê de perto  
De pó cuberto ,  
E todo involto  
No sangue seu ;  
As mãos aperta  
No peito brando ,  
E afflicta dando  
Hum ai, os olhos  
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle  
Compadecida ;  
Lava a ferida  
C'ò pranto amargo ,  
Que deramou.

Então o monstro  
Dando hum suspiro ,  
Fazendo hum gyro  
C'ò a baça vista ,  
Resuscitou.

Respira a Deosa ;  
E vem o gosto  
Fazer no rosto  
O mesmo effeito ,  
Que fez a dôr.

Que louca idéa  
Foi a que tive !  
Em quanto vive  
Marilia bella ,  
Não morre Amor.

---

## L Y R A XIII.

**O**h ! quantos riscos ,  
Marilia bella ,  
Não atropella  
Quem cêgo arrasta  
Grilhões de Amor !  
Hum peito forte ,  
De acordo falto ,  
Zomba do assalto  
Do vil traidor.



O amante de Hero  
Da luz guiado ,  
C'o peito ousado  
Na escura noite  
Rompia o mar,

Se o Helesponto  
Se encapellava ,  
Ah ! não deixava  
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio  
A heroicidade  
Esta verdade ,  
Minha Marilia ,  
Prova tambem.

Cheio de esforço  
Vai ao Cocyto  
Buscar afãito  
Seu doce bem.

Que acção tão grande  
Nunca intentada!  
Ao pé da entrada  
Já tudo assusta  
O coração !

Pendentes rochas ,  
Campos adustos ,  
Que nem arbustos  
Nem hervas dão.

Na funda fralda  
De calvo monte ,  
Corre Acheronte ,  
Rio de ardente  
Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada ,  
Vista inflammada ,  
Que mete horror.

Que seguranças !  
Que fechaduras !  
As portas duras  
Não são de lenhos ;  
De ferro são.  
Por tres gargantas ,  
Quando alguém bate ,  
Raivoso late  
O negro cão.

Dentro da cova  
São lamentos ;  
E que tormentos  
Não mostra aos olhos  
A escassa luz !

Minos a pena  
Manda se intime  
Igual ao crime ,  
Que alli conduz.

Grande penedo  
Este carrega ;  
E apenas chega  
Do monte ao cume ,  
O faz rolar.

A pedra sempre  
Ao valle desce ,  
Sem que elle cesse  
De a ir buscar.

Nas limpas aguas  
Habita aquelle :  
Por cima delle  
Verdejão ramos ,  
Que pomos dão.

Debalde a bocca  
Molhar pertende ;  
De balde estende  
Faminta mão.

Tem outro o peito  
Despedaçado :  
Monstro esfaimado  
Já mais descansa  
De lho roêr.

A rôxa carne ;  
Que o abutre come ,  
Não se consome ,  
Torna a crescer.

Mas bem que tudo  
Pavor inspira ,  
Tocando a lyra  
Desce ao Averno  
O bom Cantor.

Não se entorpece  
A lingua , e braço ;  
Não treme o passo ,  
Não perde a côr.

Ah !

Ah ! tambem quanto  
Dirceo obrára,  
Se precisára,  
Marilia bella,  
Do esforço seu !

Rompêra os mares  
C'o peito terno,  
Fôra ao Inferno,  
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes  
De Thracia, e Abydo  
Não deo Cupido  
Do que aos mais todos  
Maior valor.

Por seus vassallos  
Forças reparte,  
Como lhes parte  
Os grãos de Amor.

## L Y R A XIV.

**M**INHA bella Marilia, tudo passa;  
A sorte deste mundo he mal segura;  
Se vem depois dos males a ventura,  
Vem depois dos prazeres a desgraça:

Estão os mesmos Deoses  
Sujeitos ao poder do impio Fado:  
Apollo já fugio do Ceo brilhante,  
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte  
Acala de roubar o bem, que temos;  
Até na triste campã não podemos  
Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulchro,  
Que seus a vós erguêrão, descansando:  
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
Ferra do torto arado.

Ah!

Ah ! em quanto os Destinos impiedosos  
Não voltão contra nós a face irada ,  
Façamos , sim façamos , doce amada ,  
Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração que frouxo  
A grata posse de seu bem difere ,  
A si , Marilia , a si proprio rouba ,  
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores ,  
E façamos de feno hum brando leito ,  
Prendamo-nos , Marilia , em laço estreito ,  
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças ,  
Sem que o possam deter , o tempo corre ;  
E para nós o tempo , que se passa ,  
Tambem , Marilia , morre.



Com os annos, Marilia, o gôsto falta,  
E se entorpece o corpo já cançado;  
Triste o velho cordeiro está deitado,  
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura  
He dote, que só goza a mocidade:  
Rugão-se as faces, o cabello alveja,  
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?  
Que vão passando os florecentes dias?  
As glorias, que vem tarde, já vem frias;  
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,  
Aproveite-se o tempo, antes que faça  
O estrago de roubar ao corpo as forças,  
E ao semblante a graça.

## LYRA XV.

A MINHA bella Marilia  
Tem de seu hum bom thesouro,  
Não he, doce Alceo, formado  
Do buscado  
Metal louro.  
He feito de huns alvos dentes,  
He feito de huns olhos bellos,  
De humas faves graciosas,  
De crespos, finos cabellos;  
E de outras graças maiores,  
Que a natureza lhe dêo:  
Bens, que valem sobre a terra,  
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes,  
Dar ás correntes desvios,  
Pôr cercados espaçosos  
Nos caudosos  
Turvos rios.

Posso emendar a ventura  
Ganhando astuto a riqueza;  
Mas, ah! charo Alceo, quem póde  
Ganhar huma só belleza  
Das bellezas, que Marilia  
No seu thesouro metêo?  
Bens, que valem sobre a terra;  
E que tem valor no Ceo.

Da sorte, que vive o rico  
Entre o fausto alegremente,  
Vive o guardador de gado  
Apoucado,  
Mas contente.

Beije pois torpe avarento  
As arcas de barras chêas:  
Eu não beijo os vís thesouros;  
Beijo as douradas cadêas,  
Beijo as seitas, beijo as armas  
Com que o cego Amor vencêo:  
Bens, que valem sobre a terra;  
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo o fero Marte ;  
Ama, Alceo, o mesmo Jove :  
Não he, não, a vã riqueza,  
Sim belleza,  
Quem os move.

Posto ao lado de Marilia  
Mais que mortal me contemplo :  
Deixo os bens, que aos homens cegão,  
Sigo dos Deoses o exemplo :  
Amo virtudes, e dores ;  
Amo em fim, prezado Alceo,  
Bens, que valem sobre a terra,  
E que tem valor no Ceo.

## LYRA XVI.

**E**u, Glauceste, não duvido  
Ser a tua Eulina amada  
    Pastora formosa,  
    Pastora engraçada.  
Vejo a sua côr de rosa,  
Vejo o seu olhar divino,  
Vejo os seus purpúreos beiços;  
Vejo o peito crystallino;  
Nem ha cousa, que assemelhe  
Ao crespo cabello louro.  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito  
A' laranjeira copada,  
    Estando de flores,  
    E frutos ornada.  
He, Glauceste, os teus Amores;  
E nem por outra Pastora,  
Que menos dotes tivera,  
Ou que menos bella fôra,  
O meu Glauceste cançára  
As divinas cordas de ouro.  
Ah! que a tua Eniina vale,  
Val hum immenso thesouro!

Sim;

Sim, Eulina he huma Deosa;  
Mas anîma a formosura

De huma alma de fêra,

Ou inda mais dura.

Ah! quando Alceo pondêra  
Que o seu Glauceste suspira,  
Perde, perde o soffrimento,  
E qual enfermo delira!  
Tenha embora brancas faces,  
Meigos olhos, fios de ouro,  
A tua Eulina não vale,  
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra;  
Tambem aos olhos he bello;  
Mas quando alumêa,  
Tu tremes de vélo.

Que importa se mostre chêa  
De mil bellezas a ingrata?  
Não se julga formosura  
A formosura, que mata.  
Evita, Glauceste, evita  
O teu esrrago, e desdouro;  
A tua Eulina não vale,  
Não vale immenso thesouro:

A minha Marilia quanto  
A' natureza não deve !

Tem divino rosto,  
E tem mãos de neve.  
Se mostro na face o gôsto,  
Ri-se Marilia contente;  
Se canto, canta comigo;  
E apenas triste me sente,  
Limpa os olhos com as tranças  
Do fino cabello louro.  
A minha Marilia vale,  
Vale hum immenso thesouro.

---

## L Y R A    XVII.

**M**INHA Marilia,  
Tu enfadada?  
Que mão ousada  
Perturbar póde  
A paz sagrada  
Do' peito teu?



Porém que muito  
Que irado esteja  
O teu semblante  
Tambem troveja  
O Claro Ceo.

Eu sei, Marilia,  
Que outra Pastora  
A toda a hora,  
Em toda a parte,  
Céga namora  
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo;  
Assim, Marilia,  
Ha zelos, logo  
Que existe amor.

Olha, Marília,  
Na fonte pura  
A tua alvura,  
A tua bocca,  
E a compustura  
Das mais feições.

Quem tem teu rosto,  
Ah! não receia,  
Que terno amante  
Solte a cadeia,  
Quebre os grilhões.

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas  
No seu cabelo,  
Sem palles finas  
No seu jubão.

Porém que importa?

O rico aceio

Não dá, Marília,

Ao rosto feio

A perfeição.

---

L Y R A XVIII.

Não ves aquelle velho respeitavel;

Que á moleta encostado,

Apenas mal se move, e mal se arrasta?

Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?

O tempo arrebatado,

Que o mesmo bronze gasta.

Enrugárão-se as faces, e perdêrão

Seus olhos a viveza;

Voltou-se o seu cabello em branca neve:

Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;

Nem tem humna belleza

Das bellezas que teve.

Assim também serei, minha Marília  
Daqui a poucos annos ;  
Que o impio tempo para todos corre.  
Os dentes calirão, e os meus cabellos.  
Ah ! sentirei os damnos ,  
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice  
Muito menos penoza.  
Não trarei a moleta carregada :  
Descançarei o já vergado corpo  
Na tua mão piedosa ,  
Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem  
Os chuveiros não lance ,  
Irei contigo ao prado florescente :  
Aqui me buscarás hum sitio ameno ,  
Onde os membros descance ,  
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo

Os olhos por aquella

Vistoza parte, que ficar fronteira;

Apontando direi: *Alli fallámos,*

*Alli, ó minha bella,*

*Te vi a vez primeira.*

Verteráõ os meus olhos duas fontes,

Nascidas de alegria:

Farão teus olhos ternos outro tanto:

Então darei, Marilia, frios beijos,

Na mão formosa, e pia,

Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente

Meu corpo supportando

Do tempo deshumano a dura guerra.

Contente morrerei, por ser Marilia

Quem sentida chorando,

Meus baços olhos cerra.

---

---

L Y R A    XIX.

**E**M quanto pasta alegre o manso gado,  
Minha bella Marilia, nos sentemos  
A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos.

Na regular belleza,  
Que em tudo quanto vive, nos descobre  
A sabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta  
O novilhinho seu dos mais separa,  
E o lambe, em quanto chupa a liza teta.

Attende mais, ó chara,  
Como a ruiva cadella  
Supporta que lhe morda o filho o corpo;  
E salte em cima della.

Repara, como chëia de ternura  
 Entre as azas ao filho essa ave aquece:  
 Como aquella esgravata a tetra dura,  
 E os seus assim sustenta;  
 Como se encoleriza,  
 E salta sem receio a todo o vulto,  
 Que junto delles piza.

Que gosto não terá a esposa amante  
 Quando der ao filhinho o peito brando,  
 E reflectir então no seu semblante!

Quando, Marilia, quando  
 Disser comigo: *be esta*  
*De teu querido pai a mesma barba,*  
*A mesma bocca, e testa.*

Que gosto não terá a mãe, que toca,  
 Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho  
 Nas faces graciosas, e na bocca

Do innocente filhinho!  
 Quando, Marilia bella,  
 O tenro infante já com risos mudos  
 Começa a conhecê-la!

Que

Que prazer não terão os pai ao verem  
Com as mãis hum dos filhos abraçados;  
Jogar outros a luta, outros correrem  
Nos cordeiros montados!  
Que estado de ventura!  
Que até naquillo, que de pezo serve,  
Inspira Amor doçura.

---

## L Y R A XX.

**E**M huma frondosa  
Roseira se abria  
Hum negro botão.  
Marilha adorada  
O pê lhe torcia  
Com a branca mão.



Nas folhas viçosas  
A abelha inraivada  
O corpo escondêo.  
Tocou-lhe Marilia,  
Na mão descuidada  
A fera mordêo.

A penas lhe morde,  
Marilia gritando,  
C'o dedó fugio.  
Amor, que nos bosques  
Estava brincando,  
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,  
E o sangue espargido,  
Que a Deoza mostrou;  
Rizonho beijando  
O dedo offendido,  
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco  
O pranto desatas,  
Ah! dá-me attenção;  
E como daquelle,  
Que feres, e matas,  
Não tens compaixão?*

---

## L Y R A XLI.

**N**ão sei, Marilia, que tenho,  
Depois que vi o teu rosto;;  
Pois quanto não he Marilia,  
Já não posso ver com gosto.  
Noutra idade me alegrava,  
Até quando conversava  
Com o mais rude vaqueiro:  
Hoje, ó bella, me aborrece  
Inda o trato lizongeiro  
Do mais discreto pastor.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de amor?

Sáio da minha cabana  
Sem reparar no que faço ;  
Busco o sitio aonde moras ,  
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,  
Aonde , Marilia bella ,  
Tu chegas ao fim do dia ;  
Se alguém passa , e te saúda ,  
Bem que seja cortezia ,  
Se accende na face a côr.  
Que effeitos são os que sinto !  
Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marilia , contigo ,  
Não tenho hum leve cuidado ;  
Nem me lembra , se são horas  
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,  
Ao minuto, ao breve instante,  
Finge hum dia o meu desgosto:  
Já mais, Pastora, te vejo  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de Amor?

Aonde já com o juizo;  
Marilia, tão perturbado,  
Que no mesmo aberto sulco  
Metto de novo o arado.

Aqui no centêo pégo,  
Noutra parte em vão o cégo:  
Se alguém comigo conversa,  
Ou não respondo, ou respondo  
Noutra coiza tão diversa,  
Que nexo tão tem menor.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro  
Só Marília me desvella:  
Enche-se o peito de magoa,  
E não sei a causa della.

Mal durmo, Marília, sonho,  
Que féro leão medonho  
Te devora nos meus braços:  
Gella-se o sangue nas veias.  
E sóto do somno os laços  
A' força da immensa dor.  
Ah! que os effeitos que sinto  
Só são effeitos de Amor.

---

## L Y R A XXII.

**M**uito embora, Marília, muito embora  
Outra belleza, que não seja a tua,  
Com a vermelha roda, a seis puxada,  
Faça tremer a rua.

As paredes da sallã aonde habita  
Adorne a seda, e o tremó dourado;  
Pendão largas cortinas, penda o lustre  
Do tétó apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,  
Nem andarás nos coches voadores;  
Porém terás hum Vate, que te preze,  
Que cance os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;  
E da palida morte a mão tyranna  
Arraza os edificios dos Augustos,  
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão  
De quem nem se quer temos a memoria!  
Só podem conservar hum nome eterno  
Os versos, ou a historia;

Se não houvesse Tasso, nem Petrarcha,  
Por mais que qualquer dellas fosse linda,  
Já não sabia o mundo, se existirão  
Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada  
Por quantos hão de vir sabios humanos,  
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,  
Que morrem com os annos.

---

## L Y R A XXIII.

N<sup>o</sup>um sitio ameno  
Cheio de rosas,  
De brancos lyrios,  
Murtas viçosas;

Dos seus amores  
Na companhia  
Dirceo passava  
Alegre o dia,

Em

Em tom de graça,  
Ao terno amante  
Manda Marília  
Que toque, e cante.

Péga na lyra,  
Sem que a tempere,  
A voz levanta,  
E as cordas fere.

C'os doces pontos  
A mão atina,  
E a voz iguala  
A voz divina.

Ella, que teve  
De rir-se a idéa,  
Nem move os olhos  
De assombro chéa.



Então Cupido  
Apparecendo ;  
A' bella falla  
Assim dizendo :

*Do teu amado  
A lyra fias ,  
Só porque delle  
Zombando rias ?*

*Quando n'um peito  
Assento faço ,  
Do peito subo  
A lingua , e braço.*

*Nem creias que outro  
Estylo tome ,  
Sendo eu o mestre ,  
A acção teu nome.*

## L Y R A XXIV.

**E**NCHEO, minha Marilia, o grande Jove  
De immensos animaes de toda a especie  
As terras, mais os ares,  
O grande espaço dos salobros rios,  
Dos negros, fundos mares.  
Para sua defeza,  
A todos dêo as armas, que convinha;  
A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;  
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas:  
Dêo veneno á serpente,  
Ao membrudo Elefante a enorme tromba,  
E ao Javali o dente.  
Coube ao leão a garra:  
Com leve pé saltando o servo foge;  
E o brayo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso  
Que valem muito mais que as outras armas :  
Dêo-lhe dedos ligeiros,  
Que podem converter em seu serviço  
Os ferros , e os madeiros ;  
Que tecem fortes laços ,  
E forjão raios com que aos brutos cortão  
Os vãos , mais os passos.

A's tímidas donzellas pertencerão  
Outras armas , que tem dobrada força :  
Dêo-lhes a Natureza  
Além do entendimento , além dos braços  
As armas da belleza.  
Só ella ao Ceo se atreve ,  
Só ella mudar póde o gello em fogo ,  
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura  
Quem arrancou da mão de Coriolano  
-A cortadora espada.

Vejo que foi de Helena o lindo rosto  
Quem pôz em campo armada  
Toda a força de Grecia.

E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,  
Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspirão,  
O braço desarmar do mesmo Achilles;  
Se estes rostos irados  
Podem soprar o fogo da discórdia  
Em povos alliados;  
Hes arbitra da terra;  
Tu podes dar, Marília, a todo o mundo  
A paz, e a dura guerra.

## L Y R A XXV.

**O** DEGO Cupido hum dia  
Com os seus Genios fallava,  
Do modo que lhe restava  
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,  
Hum dos Genios mais sagazes  
Este conselho lhe dêo:

As settas mais aguçadas,  
Como se em roxa batessem,  
Dão nos seus peitos, e descem  
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia  
Podem vencer hum tão duro,  
Tão izento coração.

A fortuna desta empreza  
Consiste em armar-se o laço,  
Sem que sinta ser o braço,  
Que Iho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,  
Que já deixarão as pennas  
No visco do Caçador.

Na força deste conselho  
O raivoso Deos socega,  
E á tropa a honra entrega  
De o fazer executar.  
Todos pertendem ganhá-la,  
Batem as azas ligeiros,  
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão  
Da Deosa nos olhos bellos ;  
Qual se enlaçou nos cabellos ;  
Qual ás faces se prendêo.

Hum amorinho cansado  
Cahio dos labios ao seio,  
E nos peitos se escondêo.

Otro Genio mais astuto  
Este novo ardil alcança ,  
Mida-se n'uma criança  
Do divino parecer.

Esconde as azas , e a venda ;  
Esconde as settas , e quanto  
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino  
Todo de graças cuberto,  
Tão risonho, e tão esperto  
Alli sózinho brincar.

A elle endireita os passos;  
Finge Amor ter medo, e a Deosa  
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;  
Elle fugia, e chorava:  
Assim forão onde estava  
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,  
E o gentil menino, entende  
A malicia do traidor.



Põe as mãos sobre os ouvidos,  
Cerra os olhos, e constante  
Não quer ver o seu semblante,  
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses n'outra idade  
Para illudir as Serças  
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empresa via,  
Julga o intento frustrado,  
E de raiva transportado  
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;  
Mettêo as unas no rosto,  
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia  
Entre os peitos da Pastora,  
Erguêo a cabeça fóra ,  
E o successo conhecêo.

Deixa o socego em que estava ,  
E vai ligeiro metter-se  
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'ó brando peito  
Lhe tocou a neve fria ,  
Com o calor que trazia  
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,  
Abre os seus olhos , e sólta  
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios  
Ao triste Pastor disposto  
Para ver o lindo rosto,  
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,  
Cada hum com ellas busca  
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa  
Lhe fórma hum Cupido laços,  
Que lhe segurão os braços,  
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste;  
Antes beija satisfeito  
As suas doces prizões.

## L Y R A XXVI.

**O** DE'STRO Cupido hum dia  
Extrahio mimosas cores  
De frescos lyros, e rosas,  
De jasmims, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas  
Usa de humma, e de outra tinta,  
E nos angulos do cobre  
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos  
No seu lizo centro escreve  
Hum letreiro, que pergunta:  
*Este espaço a quem se deve?*

Venus, que vio a pintura,  
E lêo a letra engenhosa,  
Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*  
*Dê-se a Marilia formosa.*

---

---

L Y R A XXVII.

ALEXANDRE, Marília, qual o rio  
Que engrossando no Inverno tudo arraza;  
Na frente das cohortes  
Cérca, vence, abraza  
As Cidades mais fortes.

Foi na gloria das armas o primeiro,  
Morrêo na flor dos annos, e já tinha  
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome  
Não ha poder algum, que não abata,  
Foi, Marília, sómente  
Hum ditozo pirata,  
Hum salteador valente.

Se não tem hum a fama baixa, e escura;  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòa,  
A sua mesma Patria a fé quebranta;  
Na mão a espada toma,  
Opprime-lhe a garganta,  
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heróe por hum delicto;  
Se acaso não vencesse então seria  
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste  
Em queimar os Imperios: move a guerra,  
Espalha o sangue humano,  
E despoeva a terra  
Tambem o máo tyranno.  
Consiste o ser heróe em viver justo:  
E tanto póde ser heróe o pobre,  
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella;  
Seguindo da virtude a honroza estrada.  
Ganhei, ganhei hum throno.  
Ah! não manchei a espada,  
Não a roubei ao dono.  
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:  
E valem muito mais que o mundo inteiro  
Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores  
Atormentão remorsos, e cuidados;  
Nem descanso seguros  
Nos Palacios cercados  
De tropa, e de altos muros.  
E a quantos nos não mostra a sabia historia  
A quem mudou o fado em negro opprobrio  
A mal ganhada gloria?

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo  
Nos braços do descanso, e mais do gosto:  
Quando estou acordado;  
Contemplo no teu rostô  
De graças adornado;  
Se durmo logo sonho, e alli te vejo.  
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe  
A mais o meu desejo.

---

## L Y R A XXVIII.

CUPIDO tirando  
Dós hombros a aljava,  
N'um campo de flores  
Contente brincava.

E o corpo tenrinho  
Depois enfadado,  
Incauto reclina  
Na relva do prado.



Marilia formosa,  
Que ao Deos conhecia,  
Occulta espreitava  
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme  
Se chega contente,  
As armas lhe furta,  
E o Deos a não sente.

Os Fauños, mal vitão  
As armas roubadas,  
Sahirão das grutas  
Solcando rizadas.

Acorda Cupido,  
E a causa sabendo,  
A quantos o insultão  
Responde, dizendo:

*Temieis as settas  
Nas minhas mãos cruas?  
Vereis o que podem  
Agora nas suas.*

## L Y R A XXIX.

**O** TYRANNO Amor risonho  
Me apparece, e me convida  
Para que seu jugo acceite;  
E quer que eu passe em deleite  
O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte  
(Astuto o moço dizia)  
Já perto da morte estava,  
Inda de amores cantava;  
Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares  
Não resiste hum peito fraco,  
Se Amor o não fortalece:  
O mesmo Jove carece  
De Cupido, e mais de Baccho,*

Eu lhe respondo: *Perjuro*  
*Nada creio do que dizes ;*  
*Porque já te fui sujeita,*  
*Inda conservo no peito*  
*Estas frescas cicatrizes.*

Amor, vendo que da offerta  
Algun apreço não faço,  
Me diz affeito que trate  
De ir com elle a combate  
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas ;  
Cinjo primeiro que tudo  
O brilhante arnêz, e á pressa  
Ponho hum elmo na cabeça,  
Tomo a lança, e o grosso escudo:

Mal no Campo me apresento,  
Marilia (oh Ceos!) me apparece:  
Logo os olhos me fita,  
O meu coração palpita,  
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno :  
*Confessa louco o teu erro ;*  
*Contra as armas da belleza*  
*Não vale a externa defeza.*  
*Dessa armadura de ferro.*

---

## L Y R A    X X X .

**J**UNTO a huma clara fonte  
A mãe de Amor se sentou :  
Encostou na mão o rosto ,  
No leve somno pegou.

Cupido , que a vio de longe ,  
Contente ao lugar corrêo ;  
Cuidando que era Marilia  
Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada :  
Amor a conhece ; e então  
Da ousadia , que teve ,  
Assim lhe pede o perdão :

*Foi facil , ó Mãe formosa ,*  
*Foi facil o engano meu ;*  
*Que o semblante de Marilia*  
*He todo o semblante teu.*

## L Y R A XXXI.

**M**INHA Marilia ,  
Se tens belleza ,  
Da natureza  
He hum favor.  
Mas se aos vindeiros  
Teu nome passa ,  
He só por graça  
Do Deos de amor ,  
Que terno inflamma  
A mente , o peito  
Do teu Pastor.

Em vão se virão  
Perlas mimosas ,  
Jasmins , e rosas  
No rosto teu.  
Em vão terias  
Essas estrellas ,  
E as tranças bellas ,  
Que o Ceo te dêo ;  
Se em doce verso  
Não as cantasse  
O bom Dirceo.

O voraz tempo  
Ligeiro corre :  
Com elle morre  
A perfeição.  
Essa , que o Egypto  
Sábia modera ,  
De Marco impera  
No coração ;  
Mas já Octavio  
Não sente a força  
Do seu grilhão.

Ah ! vem , ó bella ,  
E o teu querido  
Ao Deos Cupido  
Louvores dar ;  
Pois faz que todos  
Com igual sorte  
Do tempo , e morte  
Possão zombar :  
Tu por formosa ,  
E elle , Marilia ,  
Por te cantar.

Mas

Mas ai! Marilia,  
Que de hum amante,  
Por mais que cante,  
Gloria não vem!  
Amor se pinta  
Menino, e cego:  
No doce emprêgo  
Do charo bem  
Não vê defeitos,  
E augmenta, quantas  
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,  
Em teu conceito,  
Nutrio no peito  
Nescia paixão?  
Todas aquellas,  
Que vês cantadas,  
Erão dotadas  
De perfeição?  
Erão queridas;  
Poém formosas  
Talvez que não;

Po-

Porém que importa  
Não valha nada  
Seres cantada  
Do teu Dirceo ?  
Tu tens, Marília,  
Cantor celeste;  
O meu Glauceste  
A voz ergueo;  
Irá teu nome  
Aos fins da Terra,  
E ao mesmo Cco.

Quando nas azas  
Do leve vento  
Ao Firmamento  
Teu nome for :  
Mostrando Jove  
Graça extremosa,  
Mudando a Esposa  
De inveja a côr;  
De todos ha-de,  
Voltando o rosto,  
Sair-se Amor.

Ah!



Ah! não se manche  
Teu brando peito  
Do vil defeito  
Da ingratitude:  
Os versos beija,  
Gentil Pastora,  
A penna adora,  
Respeita a mão,  
A mão discreta,  
Que te segura  
A duração.

---

## L Y R A XXXII.

N'uma noite socegado  
Velhos papeis revolvía,  
E por ver de que tratavão  
Hum por hum a tocos lia.

Erão copias emendadas  
De quantos versos melhores  
Eu compuz na tenra idade  
A meus diversos amores.

Aqui

Aqui leio justas queixas  
Contra a ventura formadas,  
Leio excessos mal acceitos,  
Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas  
Eu exclamo transportado:  
*Que finezas tão mal feitas!*  
*Que tempo tão mal passado!*

Junto pois n'hum grande monte  
Os soltos papeis, e logo,  
Porque reliquias não fiquem,  
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego  
Com semblante carregado  
Assim me falla, e crimina  
O meu intento acertado.

*Queres queimar esses versos?*  
*Dize, Pastor attrevido,*  
*Essas Lyras não te forão*  
*Inspiradas por Cupido?*

*Achas*

*Achas que de taes amores  
Não deve existir memoria?  
Sepultando esses triumphos,  
Não roubas a minha gloria?*

Disse Amor; e mal se calla,  
Nos seus hombros a mão pondo,  
Com hum semblante sereno  
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares  
A minha Marilia bella,  
Devo guardar humas Lyras,  
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa  
Que a estes papeis destrua;  
De he tua esta mão; que os rasga,  
Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta  
Manda que os lance nas brazas;  
E ergue a chamma c'o vento,  
Que formou batendo as azas.

## L Y R A   XXXIII.

**P**E'GA na lyra sonora,  
Péga meu charo Glauceste;  
E ferindo as cordas de ouro,  
Mostra aos rusticos Pastores  
A formosura celeste  
De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste,  
Que concurso tão ditoso!  
Tu és digno de cantares  
O seu semblante divino;  
E o teu canto sonoro  
Tambem do seu rosto he dino.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Para pintares ao vivo  
As suas faces mimosas,  
A discreta Natureza  
Que providencia não teve!  
Creou no jardim as rosas,  
Fez o lyro, e fez a neve.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a cópia  
Se affasta della.

A pintar as négras tranças  
Peço que mais te desvelles :  
Pinta chusmas de amorinhos  
Pelos seus fios trepando ;  
Huns tecendo cordas delles ,  
Cutros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Para pintares , Glauceste ,  
Os seus beiços graciosos ,  
Entre as flores tens o cravo ,  
Entre as pedras a granada ;  
E para os olhos formosos ,  
A estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Mal retratares do rosto  
Quanto julgaes preciso,  
Não dés a cópia por feita;  
Passa a outros dotes, passa,  
Pinta da vista, e do riso  
A modestia, mais a graça.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto  
Com expressões delicadas;  
Os seus pés, quando passeão,  
Pizando ternos amores;  
E as mesmas plantas calcadas  
Brotando vigezas flores.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a cópia  
Se affaste della.

Pinta mais , prezado amigo ,  
 Hum terno amante beijando  
 Suas douradas cadeias;  
 E em doce pranto desfeito ,  
 Ao monte , e valle ensinando  
 O nome , que tem no peito.

Ah , pinta , pinta  
 A minha bella !  
 E em nada a cópia  
 Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto ,  
 Inda que , Pastor , se veja  
 Que a minha bocca suspira ,  
 Que se banha em pranto o rosto ;  
 Que os outros chorão de inveja ,  
 E chora Dirceo de gosto.

Ah , pinta , pinta  
 A minha bella !  
 E em nada a cópia  
 Se affaste della.

FIM DA 1.<sup>a</sup> PARTE.





MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

---

SEGUNDA PARTE.

---



LISBOA: 1824.

---

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS.

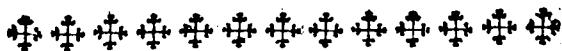
# CONFIDENTIAL

REF ID: A62001

三、海、空、陸

4-27-70 10:00:00

30-10-1944



M A R I L I A

D E

D I R C E O.

---

L Y R A I.

**J**a' não cínjo de loiro a minha testá;  
Nem sonoras Canções o Deos me inspira;  
Ah! que nem me resta  
Huina já quebrada,  
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo  
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:  
Cumpro o seu desejo;  
E ao que resta supra  
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,  
Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;  
    Bem que tosça, e fêa,  
    Agora me póde  
    Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:  
Elle me diz, que faça no pé de huma  
    Má laranja ponta,  
    E delle me sirva  
    Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo  
Verás, Marilia, huma idéa nova:  
    Sim, eu já te escrevo,  
    Do que esta alma dita  
    Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,  
 Nada obra em te adorar, que assombro faça:  
     Mostra mais ternura  
     Quem te estima, e morre  
     Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
 Ainda vendo estou teus olhos bellos,  
     A testa formosa,  
     Os dentes nevados,  
     Os negros cabellos.

Vejo, Marília, sim, e vejo ainda  
 A chusma dos Cupidos, que pendentos  
     Dessa bôcca linda,  
     Nos ares espalhão  
     Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,  
Responderei = no peito = que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintarão,  
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah ! nessa hora  
Teu Retrato fizerão, e tão forte,  
Que entendo, que agora  
Só póde apagallo  
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Céos, que pejo !  
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.  
Ah ! da-lhes hum beijo,  
E diz-me que valem  
Mais que letras de oiro.

## L Y R A II.

**E**SPREMA a vil calumnia muito embora  
Entre as mãos denegridas, e insolentes  
Os venenos das plantas,  
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto  
Não has-de ver, Marília, o modo escrito  
O medo perturbado,  
Que infunde o vil delicto.

Iódem muito conheço, pôdem muito,  
As Fúrias infernaes, que Pluto move;  
Mas pôde mais que todas  
Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa;  
A quem seu nome derão, a Narciso,  
Fêz d muitos os Astros,  
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injúrias  
Do nescio, do atrevido ingrato povo;  
Em nova flor mudar me,  
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos  
Em tão tyranno mal me não soccorrem,  
Verás então, que os sabios,  
Bem como vivem, morrêm.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
Tu, formosa Marilia, bem o sabes;  
Hum coração, e basta,  
Onde tu mesma cabes.



## LYRA III.

SUCCEDE, Marilia bella,  
A' medonha noite o dia:  
A estação chuvosa e fria,  
A' quente secca estação.  
Muda-se a sorte dos tempos;  
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas Primaveras,  
Brotão em flores viçosos;  
Nos Invernos escabrosos  
Largão as folhas no chão.  
Muda-se a sorte dos troncos;  
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão  
Armadas redes os passos;  
Rompem depois os seus laços,  
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;  
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto;  
Depois das penas vem gosto,  
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a sorte dos homens;  
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão  
Soberbos Gigantes guerra;  
No mais tempo o Ceo, e a Terra  
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deoses;  
Só a minha sorte não?

Hade , Marilia , mudar-se  
Do destino a inclemencia :  
Tenho por mim a innocencia ,  
Tenho por mim a razão.  
Muda-se a sorte de tudo ;  
Só a minha sorte não ?

O tempo , ó bella , que gasta  
Os troncos , pedras , e o cobre ,  
O véo rompe , com que encobre  
A' verdade a vil traição.  
Muda-se a sorte de tudo ;  
Só a minha sorte não ?

Qual eu sou verá o mundo ,  
Mais me dará do que eu tinha ,  
Tornarei a ver-te minha.  
Que feliz consolação !  
Não ha de tudo mudar-se ,  
Só a minha sorte não.

## LYRA IV.

**J**A', já me vai, Marilia, branquejando  
Loiro cabello, que circula a testa,  
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,  
E vão-se sobre os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;  
As forças dos meus membros já se gastão,  
Vou a dar pela casa huns curtos passos,  
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôz a mão dos annos;  
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,  
Fazem os meus danos.

Mal te vir me dará em poucos dias;  
A minha mocidade o doce gosto;  
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,  
Voltar a côr ao rosto. .

No calmoso Verão as plantas seccão,  
Na Primavera, que aos mortaes encanta,  
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;  
Mas logo que a doença fez seu termo,  
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,  
O definhado enfermo.

Suppoẽ-me qual doente, ou qual a planta;  
No meio da desgraça, que me altera:  
Eu tambem te supponho qual saude,  
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos  
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;  
Que effeitos não farão, em quem por elles  
Sempre.moriêo de amores?

---

## L Y R A V.

O s mares, minha bella, não se movem;  
O brando Norte assopra, nem diviso  
Huma nuvem sequer na Esfera toda,  
O destro Nauta aqui não he preciso;  
Eu só conduzo a náó, eu só modéro  
Do seu governo a roda.

Mas ah ! que o Sul carrega, o mar se empolla;  
Rasga-se a véla, o mastaréo se parte !  
Qualquer varão prudente aqui já teme  
Não tenho a necessaria força, e arte.  
Corra o sabio Piloto, corra, e venha  
Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede  
Aos homens na ventura, e na desgraça:  
Basta ao feliz não ter total demencia,  
Mas quem de venturoso a triste passa,  
Deve entregar o leme do discurso  
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;  
E esta alma, em tanta pena consternada,  
Nem sabe aonde possa achar conforto.  
Ah, não, não tardes, vem, Marilia amada,  
Toma o leme da não, marêa o panno,  
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:  
Elle me diz que soffra se não morro;  
E perco então se morro huns doces laços.  
Não quero já, Marilia, mais soccorro,  
Oh ditoso soffrer, que lucrar póde  
A gloria dos teus braços.

---

## L Y R A VI.

**D**E que te queixas,  
Lingua importuna?  
De que a Fortuna  
Roubar-te queira,  
O que te deu?  
Este foi sempre  
O genio seu.



Levou, Marília,  
A impia sorte  
Catoens á morte;  
Nem sepultura  
Lhes concedeu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A outros muitos,  
Que vís nascêrão,  
Nem merecêrão,  
A grandes thronos  
A impia ergueu.

Este foi sempre  
O genio seu.

Espalha a cega  
Sobre os humanos  
Os bens, e os damnos;  
E a quem se devão  
Nunca escolheu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A quanto he justo,  
Já mais se dobra;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deoses  
Do cáro Ceo.

Este foi sempre  
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus  
N'hum carro ufano;  
E cahe Vulcano  
Da pura esfera,  
Em que nasceu.

Este foi sempre  
O genio seu.

Mas não me rouba,  
Bem que se muda,  
Honra, e virtude:  
Que o mais he della;  
Mas isto he meu.

Este foi sempre  
O genio seu.

## L Y R A VII.

**M**EU prezado Glauceste,  
Se fazes o conceito,  
Que bem que réo abrigo  
A candida virtude no meu peito.  
Se julgas, digo, que mereço ainda  
Da tua mão soccorro;  
Ah! vem dar-m'o agora,  
Agora sim que mórro.

Não quero, que montado  
No Pegaso fogoso,  
Venhas com dura lança  
Ao monstro infame traspassar raivoso.  
Deixa que viva a perfida calumnia,  
E forge o meu tormento:  
Com menos, meu Glauceste,  
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,  
E toca hum pouco nella :  
Levanta a vóz celeste

Em parte que te escute a minha bella ;  
Enche todo o contorno de alegria ;  
Não soffras, que o desgosto  
Affogue em pranto amargo  
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,  
Que hum bom Cantor havia,  
Que os brutos amansava ;  
Que os troncos, e os penedos attrahia.  
De outro destro Cantor tambem affirma ;  
A sábia Antiguidade,  
Que as muralhas erguêra  
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere ;  
O som delgado , e terno  
Ao Rei Plutão abranda ,  
E o deixa que penetre o fundo Averno.  
Ah , tu a nenhum cedés , nem Glauceste ;  
Na lyra , e mais no canto :  
Podes fazer prodigios ;  
Obrar ou mais , ou tanto.

Levanta pois as vozes :  
Que mais , que mais esperas ?  
Consola hum peito afflito ;  
Que he menos inda , que domar as feras :  
Com isto me darás no meu tormento  
Hum doce lenitivo ,  
Que em quanto a bella vive ,  
Tambem , Glauceste , vivo.

## L Y R A VIII.

**E**u vejo, ó minha bella, aquelle Numen,  
A quem o nome derão de Fortuna,  
Pega-me pelo braço,  
E com voz importuna  
Me diz que mova o passo;  
Que entre no grande Templo, em q se encerra  
Quanto o destino manda;  
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro!  
Eu vejo a pobre fundação de Roma,  
Vejo-a queimar Carthago;  
Vejo que as gentes doma;  
E vejo o seu estrago.  
Lá floresce o poder do Assyrio Povo:  
Aqui os Medos crescem  
E os perde hum braço novo.

En-

Então me diz a Densa : *E que pertendes ?*  
*Todas estas Medalhas vêr agora ?*

*Ab ! não , não sejas louco !*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda pouco.*

*Deixo estranhos successos ; vem comigo ,*

*Verás quanto inda deve*

*Acontecer contigo.*

Levou-me aonde estava a minha historia ,

Que toda me explicou com medo , e arte.

*Trei-te libras de oiro ,*

*Me diz , e quero dar-te*

*Toda aquelle thesoiro.*

• *Não suspira por bens hum peito nobre :*

*Sevêro lhe respondo.*

*Vivo affeito a ser pobre.*



Aqui me enruga a Deosa irada a testa;  
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegria, alegria o rosto,  
Prosegue, alli te faço  
Restituir o posto.*

Respondo com ar de mofa, e tom sereno. -  
*Conheço-te, Fortuna,  
Posso morrer pequeno.*

*Aqui te dou, me diz, a tua amada.*

Então me banho todo de alegria

*Cuidei, me torna a cega,  
Que essa alma não queria  
Nem esta mesma entrega.*

He esse o bem, respondo, que me move;

*Mas este bem he santo,  
Vem só da mão de Jove.*

Queria mais fallar ; eu insoffrido

Desta maneira rompo os seus accentos :

*Basta , Fortuna , basta ;*

*Estes breves momentos*

*Lá noutras coizas gasta ;*

*Da minha sorte nada mais contemplo.*

E chamando Marilia

Suspiro , e deixo o Templo.

---

## L Y R A IX.

**A** ESTAS horas

Eu procurava

Os meus Amores ;

Tinhão-me inveja

Os mais Pastores.

A porta abria,  
Inda esfregando  
Os olhos bellos,  
Sem flor, nem fitta  
Nos seus cabellos:

Ah! que assim mesmo  
Sem compostura,  
He mais formosa,  
Que a estrella d'alva;  
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,  
Hum ar mais leve;  
(Que doce effeito!)  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cerco apenas  
Soltava o gado,  
Eu lhe amimava  
Aquella ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre  
No rio, e fonte,  
No prado, e selva,  
Agua mais clara,  
Mais branda relva.

No cóllo a punha,  
Então brincando  
A mim a unia;  
Mil coizas ternas  
Aqui dizia.

Marilia vendo  
Que eu só com ella  
He que fallava;  
Ria-se a furto,  
E disfarçava.

Desta maneira  
Nos castos peitos,  
De dia, em dia  
A nossa chamma  
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes  
No chão sentado,  
Eu lhe lavrava  
As finas rócas,  
Em que fiava?

Da mesma sorte  
Que á sua amada ,  
Que está no ninho ,  
Fronteiro canta  
O passarinho.

Na quente sésta ;  
Della defronte ,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ella por dar-me  
De ouvir o gosto ,  
Mais se chegava :  
Então vaidoso  
Assim cantava :

Não ha Pastora,  
Que chegar possa  
A' minha bella;  
Nem quem me iguale  
Tambem na estrella:

Se Amor concede  
Que eu me recline  
No branco peito,  
Eu não invejo  
De Jove o leito:

Ornãõ seu peito  
As sãs virtudes,  
Que nos namorão;  
No seu semblante  
As Graças morão.

Assim vivia :  
Hoje em suspiros  
O canto mudo :  
Assim, Marilia,  
Se acaba tudo.

---

## L Y R A X.

A RDE o velho barril, arde a cabeça,  
Em honra de João na larga rua;  
O credulo Mortal agora indaga,  
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,  
E nella orvalhe o Ceo de madrugada,  
Para ver se rebentão novas folhas,  
Aonde foi queimada.



Tambem não tenho hum ovo , que despeje  
Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella  
Fingir Palacios grandes , altas Torres ,  
E huma Náo á véla.

Mas , ah ! em bem me lembre : eu tenho ouvido  
Que na boca hum bochecho d'agoa tome ,  
E atrás de qualquer porta attento esteja ,  
Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse  
O nome , que ha de ter a minha amada :  
Pode verdade ser , se fôr mentira ,  
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena :  
Despejo logo a boca : ah ! não sei como  
Não morro alli de pena !

Apparece Cupido: então soltando  
Em ar de zombaria huma risada.  
E que tal, me pergunta, esteve a peça?  
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:  
Tu fazes do meu dito tanta conta,  
Que vais acreditar, o que te ensina  
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo  
Do açoite da Fortuna afflito geme,  
Nas mesmas coisas, que só são brinquedos,  
Se agoirão males, teme.

## L Y R A XI.

**S**E acaso não estou no fundo Averno  
Padece, ó minha bella, sim padece  
O peito amante, e terno,  
As afflições tyrannas, que os Preceitos  
Arbítra Rhadamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes  
Com a ~~do~~ descarnada não me applicão  
As raivosas serpentes.  
Mas cercão-me outros monstros mais irados:  
Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha;

    Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento:

Por coisas que me affligem, roda, e gyra  
    Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado

A's tepidas entranhas não me come

    Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade:

Devora o coração, que mal palpita,

    O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,

Que de mim se retirão, quando busco

    Fartar o meu desejo;

Mas quer, Marília, o meu destino ingrato,

Que lograr-te não possa, estando vendo

    Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bella;  
E n'huma coisa só he mais humana

A minha dura estrella;

Huns não podem mover do Inferno os passos;

Eu pertendo vôar, e vôar cedo

A' gloria dos teus braços.

## L Y R A XII.

Ah, Marilia, que tormento  
Não tens de sentir saudosa !  
Não podem ver os teus olhos  
A campina deleitosa ,  
Nem a tua mesma Aldêa ,  
Que tyrannos não proponhão  
A' inda inquieta idéa  
Huma imagem de afflicção.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando lewares, Marilia,  
Teu ledo rebanho ao prado  
Tu dirás: aqui trazia  
Dirceo tambem o seu gado.  
Verás os sitios ditosos  
Onde, Marilia, te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão,  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires  
Sem queres, descuidada,  
Tu verás, Marilia, a minha  
E minha pobre morada.  
Tu dirás então contigo:  
Alli Dirceo esperava  
Para me levar comsigo:  
E alli soffreo a prisão.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
Do caro Glauceste a choça,  
Onde alegre se juntavão  
Os poucos da escolha nossa,  
Pondo os olhos na varanda  
Tu dirás, de mágoa chêa :  
Todo o congresso alli anda,  
Só o meu Amado não.

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado,  
Sem que me vejas com elle  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás: não foi tyranna  
Sómente comigo a sorte;  
Tambem cortou deshumana  
A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.



N'uma masmorra mettido  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados rôxos olhos,  
Estão, que he mais, retratadas  
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses  
Tristes suspiros em vão.

## L Y R A XIII.

Ves, Marilia, hum cordeiro  
De flores enramado,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre :  
A Pyra sacro-santa já se accende :  
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,  
A quem segura o laço :  
No chão as mãos especia :  
Nem quer mover hum passo :  
Não conhece que sahe de hum máo terreno ;  
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,  
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como  
Lhe dispomos a sorte :  
Hum vai forçado á vida,  
Vai outro alegre á morte,  
Nós temos, minha bella, igual demencia :  
Não sabemos os fins, com que nos move  
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho  
Os máos matar quizerão :  
De conselho mudárão,  
Como escravo o vendêrão :  
José não corre a ser hum servo afflito :  
Vai subindo os degráos, por onde chega  
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino  
Hoje, ó bella, me prende,  
Só porque nisto de outros  
Mais damnos me defende?  
Póde inda raiar hum claro dia.  
Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;  
E beijo a santa mão, que assim me guia. -

---

## L Y R A XIV.

**A**LMA digna de mil Avós Augustos!  
Tu sentes, tu soluças  
Ao ver cahir os justos;  
Honras as santas leis da Humanidade:  
E aos teus exemplos deve  
Gravar com letras de oiro no seu Templo  
A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,  
Que vê com rosto enchuto  
No seu igual a morte.  
Não he tambem de Heróe hum peito duro,  
Que a sua gloria firma,  
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,<sup>2</sup>  
Nem legião, nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora,  
Quando vê a cabeça  
Do bom Pompeo, e chora!  
He grande para mim, quem move os passos,  
E de Dario aos filhos,  
Que como escravos seus tratar podéra,  
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,  
Entre os Heróes do Mundo  
Hum nome glorioso,  
Não he, porque levanta huma cidade;  
He sim, porque nos hombros  
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha  
A mão da branca idade.

Ah ! se ao meu contrario entre as chãmas vira,  
Eu mesmo, sim, da morte  
Aos hombros o remira :  
Inda por elle muito mais obrára :  
E se nada servisse,  
Fizera então, Amigo, o que fizeste,  
Gemêra, e suspirára.

Oh ! quanto são duraveis as' cadêas  
De huma amizade, quando  
Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se sustinha  
Nossa união sincera,  
Foi por ser a minha alma igual á tua,  
E a tua igual á minha.

Se, ó caro Amigo, te merece tanto,  
Lá lhe fica a sua alma,  
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.

Ah ! sim, honrado Amigo,  
Se enxugar não poderes os seus olhos;  
Prantêa então com ella.

## L Y R A    X V .

**E**u , Marilia , não fui nenhum Vaqueiro;  
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;  
Vestia finas lãns , e tinha sempre  
A minha chóça do preçiso chêa.  
Tirarão-me o casal , e o manso gado;  
Nem tenho a que me encoste hum só cajado.

Para ter , que te dar , he que eu queria  
De mór rebanho ainda ser o dono;  
Prezava o teu semblante , os teus cabellos  
Ainda muito mais que hum grande Throno.  
Agora que te offerte já não vejo  
Além de hum puro amor , de hum são desejo.



Se o rio levantado me causava  
Levando a sementeira prejuizo ,  
Eu alegre ficava apenas via  
Na tua breve boca hum ar de riso.  
Tudo agora perdi ; nem tenho o gosto  
De vet-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sésta ,  
Escrever teus louvores nos olmeiros ,  
Toucar-te de papoilas na floresta.  
Julgou o justo Ceo , que não covinha  
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah , minha bella , se a Fortuna volta ,  
Se o bem que já perdi alcanço , e provo ;  
Por essas brancas mãos , por essas faces  
Te juro renascer hum homem novo ;  
Romper a nuvem que os meus olhos cerra ,  
Amar no Ceo a Jove ; e ati na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;  
E dentro em pouco tempo nos veremos  
Senhores outra vez de hum bom rebanho.  
Para o contagio lhe não dar sobeja  
Que as affague Marilia , ou só que as veja.

Se não tivermõs lans , e pelles finas ,  
Podem mui bem cobrir as carnes nossas  
As pelles dos cordeiros mal cortidas ,  
E os pannos feitos com as lans mais grossas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de Amor , por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta  
Com canas , e com cêstos os peixinhos :  
Nós iremos caçar nas manhãs frias  
Com a vara envisgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto  
Reputa o verão sabio , honesto , e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos  
C'os filhos se os tivermos á fogueira;  
Entre as falsas historias, que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira:  
Pasmados te ouvirão; eu entre tanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua  
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores;  
Dizendo huns para os outros: olha os nossos  
Exemplos da desgraça, e são os amores.  
Contentes viviremos desta sorte,  
Até que chegue a hum dos dois a morte.

## LYRA XVI.

**V**EJO, Marilia,  
Que o nédeo gado  
Anda disperso  
No monte, e prado;  
Que assim succede  
Ao desgraçado,  
Que a perder chega  
O seu Pastor.  
Mas inda soffro  
A viva dór.



Mas quando sobe  
A' minha idéa,  
Que tu ficaste  
Lá nessa Aldéa.  
De mil cuidados  
E mágoa cheia;  
Das paixões minhas  
Não sou senhor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

A quanto chega  
A pena forte!  
Peza-me a vida,  
Desejo a morte,  
A Jove accuso,  
Maldigo a sorte,  
Trato a Cupido  
Por hum traidor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

Mas

Mas este excesso

Perdão merece,

E delle Jove

Se compadece;

Que Jove, ó bella,

Mui bem conhece,

Aonde chega

Paixão de amor.

Eu já não soffro

A viva dôr.

## L Y R A XVII.

**D**IRCEO te deixa, ó bella,  
De padecer cançado:  
Frio suor já banha  
Seu rosto descórado;  
O sangue já não gyra pela vêa;  
Seus pulsos já não batem;  
E a clara luz dos olhos se bacêa:  
A lagrima sentida já lhe corre;  
Já pára a convulsão, suspira, e morre.



Seu espirito chega

Onde se pune o erro:

Late o cão, e se lhe abrem

Grossos portões de ferro.

Aos severos Juizes se apresenta;

E com sentidas vozes

Toda a sua tragedia representa:

Enche-se de ternura; e novo espanto

O mesmo inexorável Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca;

E a pedra não despede;

Outro já não se lembra

Da fome, e mais da sede:

Descança o curvo bico; e a garra impia

Negro abutrê estalimado:

Nem a roca medonha a Parca fia;

Até as mesmas Fúrias inclementes

Deixão cabir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes;  
E o Rei Plutão lhe ordena  
Deixe o sitio, em que ficão  
Almas dignas de pena.  
Já sahe do escuro Reino, e da memoria  
Lhe passa tudo quanto  
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria:  
Só, bem que o gosto as turvas agoas tome,  
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios  
Campinas venturosas,  
Que mansos rios cortão;  
Que cobrem sempre as rosas.  
Escuta o canto das sonoras aves,  
E bebe as agoas puras,  
Que o mel, e de que o leite mais suaves.  
Aqui, diz elle, espero a minha bella,  
Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde

Me leva a dôr activa?

He illusão desta alma.

Jove inda quer que eu viva.

Eu devo sim gosar teus doces laços;

E em paga dos meus males

Devo morrer, Marilia, nos teus braços.

Então eu passarei ao Reino amigo;

E tu irás despois lá ter comigo.

## L Y R A XVIII.

**N**ão mólho, Marília,  
De pranto a masmorra  
Que o terno Cupido  
Não vôe, e não corra,  
A hilo apanhar.  
Estende-o nas azas  
Sobre elle suspira,  
Por fim se retira,  
E vai-to levar.

Se o moço não mente,  
 Aos tristes gemidos,  
 Aos ais lastimosos  
 Não guardes unidos,  
 Marília, c'os teus:  
 As lagrimas nossas  
 No seio amontôa  
 Fôrma azas, e vôa,  
 Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,  
 Que amava aos Troianos,  
 Livra-los querendo  
 De riscos, e damnos  
 A Jove buscou.  
 As aguas, que o rosto  
 Da Deosa banharão  
 A Jove abrandarão,  
 E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,  
Confia-te em Jove;  
Ainda se abrandá,  
Ainda se move  
Com ancias de amor.  
O pranto de Venus,  
Que obrou no Pai tanto,  
Não tem que o teu pranto  
Apreço maior.

## L Y R A XIX.

**N**ESTA triste masmorra ,  
De hum semivivo corpo sepultura ,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura.  
Amor na minha idéa te retrata ,  
Busca extremoso, que eu assim resista  
A' dôr immensa , que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero ,  
Então mais vivamente te diviso :  
Vejo o teu rosto, e escuto  
A tua voz, e riso.  
Movo ligeiro para o vulto os passos :  
Eu beijo a tibia luz em vez de face ;  
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;  
A violencia da mágoa não supporto;  
Foge-me a vista, e caio  
Não sei se vivo, ou morto.  
Enternece-se Amor de estrago tanto;  
Reclina-me no peito, e com mão terna  
Me limpa os olhos do salgado pranto:

Depois que represento  
Por largo espaço a imagem de hum defunto,  
Movo os membros, suspiro,  
E onde estou pergunto.  
Conheço então que Amor me tem comsigo;  
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,  
E com doente voz assim lhe digo.



Se queres ser piedoso,  
Procura o sitio em que Marilia móra,  
Pinta-lhe o meu estrago,  
E vê, Amor, se chora.  
Se as lagrimas verter a dôr a arrasta,  
Huma dellas me traze sobre as pennas,  
E para allivio meu só isto basta.

---

## L Y R A XX.

**S**E me visses com teus olhos  
Nesta masmorra mettido;  
De mil idéas funestas,  
E cuidados combatido:  
Qual seria, ó minha bella,  
Qual seria o teu pezar?

'A' força da dôr cedêra ;  
E nem estaria vivo ,  
Se o menino Deos vendado ,  
Extremoso , e compassivo ,  
Com o nome de Marilia  
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;  
O meio dia tem dado ,  
E o cabello inda flutua  
Pelas costas desgrenhado.  
Não tenho valor , não tenho ;  
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : E Marilia ;  
Não estima esse cabello ?  
Se o deixas perder de todo  
Não se ha de enfadar ao vêllo ?  
Suspiro pego no pente ,  
Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando  
De varios manjares cheio,  
Põe-se na meza a toalha,  
E eu pensativo passeio :  
De todo o comer estria,  
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,  
Diz Amor, te tens proposto ;  
Fazes bem : terá Marilia  
Desgosto sobre desgosto.  
Qual enfermo c'o remedio  
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia,  
Em que o Sol já se tem posto,  
Vem-me á memoria que nellas  
Via á janella o teu rosto :  
Reclino na mão a face  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : Já basta ,  
Já basta , Dirceo , de pranto ;  
Em obsequio de Marilia  
Vai erguer teu doce canto.  
Pendem as fontes dos olhos ;  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me  
A velha çuja candêa ;  
Fica , Marilia , a masmorra  
Inda mais triste , e mais fêa.  
Nem mais canto , nem mais posso  
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : São horas  
De escrever-se o que está feito ;  
Do azeite , e da fumaça  
Huma nova tinta ageito ,  
Tomo o páo , que penna finge ,  
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono  
Canta o Gallo a vez terceira ;  
Eu digo ao Amor ; que fico  
Sem deitar-me a noite inteira :  
Faço mimos, e promessas  
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide ;  
Que hei-de ver Marilia em sonho ;  
Não respondo huma palavra,  
A dura cama componho ,  
Apago a triste candêa ,  
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados  
Risistir, ó minha Bella ,  
Quem não tem de Amor a graça ?  
Se eu que vivo á sombra della  
Inda vivo desta sorte ,  
Sempre triste a suspirar ?

## L Y R A XXI.

**Q**UE diversas que são, Marília, as horas  
Que passo na masmorra immunda, e fea,  
Dessas horas felizes, já passadas  
Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;  
E á sombra de alto Cédro na Campina  
Eu versos te compunha, e elle os compunha  
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;  
De exceder hum ao outro qualquer trata  
O ecco agora diz: *Marília terna*;  
E logo: *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sátyros as grutas :  
Hum para nós ligeiro move os passos ;  
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta  
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo (clama hum Pastor,) ah ! bem merece  
Da ternissima Marilia a formosura.  
E aonde , clama o outro , quer Eulina  
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,  
Em quanto em nós durava esta porfia !  
E ella , ó minha amada , só findava  
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana  
Os versos , que de tarde havia feito ;  
Mal tos dava , e os lias , os guardavas  
No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,  
Banhados com as lagrimas do gosto,  
Jurava não cantar mais outras graças  
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.  
Eu agora, Marília, não as canto;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto.



## L Y R A XXII.

**P**OR morto, Marilia,  
Aqui me reputo:  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado,  
E duro grilhão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

A chave lá sôa  
Na porta segura :  
Abre-se a escura ,  
Infame masmorra  
Da minha prizão.  
Mas , ah ! que não treme ;  
Não treme de susto  
O meu coração.

Eu vejo , Marilia ,  
'A mil innocentes'  
Nas Cruzes pendentes ,  
Por falsos delictos ,  
Que os homens lhes dão.  
Mas , ah ! que não treme ,  
Não treme de susto  
O meu coração.

Se penso que posso  
Perder o gozar-te  
A gloria de dar-te  
Abraços honestos,  
E beijos na mão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.

Repára, Marilia,  
O quanto he mais forte  
Ainda que a morte,  
N'um peito esforçado  
De amor a paixão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.

## L Y R A    XXIII.

**N**ão praguejes, Marilia, não praguejes  
A justiceira mão que lança os ferros:  
Não traz de balde a vingadora espada;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
As mãos se derão, e em seu peito morão:  
Mandão prender ao Réo austera a boca,  
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia  
Que culpa aquelle tem que applica a penna.  
Não he o Julgador, he o processo,  
E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem  
Accusação, nem prova de outro humano;  
Aqui todos confessão suas culpas,  
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:  
Huma o fogo chega, outra as serpes move;  
Todos maldizem sim a sua estrella,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,  
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.  
Qual eu sou, minha bella, não me trata,  
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune  
Ao vassallo que julga delinquente;  
Que gosto não terá podendo dar-lhe  
As honras de innocente?

## L Y R A XXIV.

**E**u vou, Marilia, vou brigar co' as feras :  
Huma soltarão, eu lhe sinto os passos,  
Aqui aqui a espero  
Nestes despídos braços.  
He hum malhado tigre; anim já corre,  
Ao peito o aperto, estalão-lhe as costelas,  
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão : sacode a grenha ,  
Com faminta paixão a mim se lança ;  
Venha embora , que o pulso  
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ;  
O corpo lhe fraquêa , os olhos inchão ,  
Açoita o chão convulso , arqueja , e espira .

Mas que vejo , Marilia ! tu te assustas ?  
Entendes que os destinos inhumanos

Expoem a minha vida

No cêrco dos Romanos ?

Com ursos , e com onças eu não luto .

Luto c'ò bravo monstro que me accusa ;

Que os tigres , e leões mais fêro , e bruto :

Embora contra mim raivoso esgrima  
Da vil calúnia a cortadora espada;  
Huma alma, qual eu tenho,  
Não se recêa a nada.

Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolencia;  
Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito  
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah, quando imaginar, que vingativo  
Mando que desça ao Tartaro profundo  
Hei-de com mão honrada  
Erguer-lhe o corpo ímmundo.

Eu então lhe direi: Infame, indôno,  
Obras como costuma o vil humano;  
Faço o que faz hum coração divino.



## L Y R A XXV.

**M**INHA Marília,  
O passarinho,  
A quem roubarão  
Ovos, e ninho,  
Mil vezes pousa  
No seu raminho,  
Piando finge  
Que anda a chorar.  
Mas logo vôa  
Pela espessura,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vacca  
Perde a vitéla,  
Tambem nos mostra,  
Que se desvéla,  
O pasto deixa,  
Muge por ella,  
Até na estrada  
A vem buscar.

Em poucos dias,  
Ao que parece,  
Della se esquece,  
E vai pastar:

O voraz Tempo,  
Que o ferro come,  
Que aos mesmos Reinos.  
Devora o nome,  
Tambem, Marilia,  
Tambem consome  
Dentro do peito  
Qualquer pezar.

Ah só não póde  
Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar.

Tambem ; ó bella ,  
Não ha quem viva  
Instantes breves  
Na chamma activa ;  
Derrete ao bronze  
Sendo excessiva  
Ao mesmo seixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A fêbra dura  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tambem, Marilia ,  
Não ha quem negue ,  
Que bem que o fogo  
Nos oleos pegue ,  
Que bem que em lingoas  
A's nuvens chegue ,  
A' força d' agoa  
Se ha de apagar.

Se a negra pedra  
Nós accendemos ,  
Com agoa a vemos  
Mais s' inflammam.

O meu discurso,  
Marilia, he resto:  
A pena iguala  
Ao meu affecto.  
O amor que nutro  
Ao teu aspecto,  
E o teu semblante  
He singular.

Ah! nem o tempo ;  
Nem inda a morte  
A dôr tão forte  
Pode acabar.

## L Y R A XXVI.

**A** QUELLE, a quem fêz cégo a Natureza,  
C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;  
Ainda se despenha muitas vezes,  
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;  
Sim me queixo de que má céga seja  
Céga que nem pergunta, nem apalpa,  
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,  
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;  
E lança na miseria a quem conhece  
Para que serve o oiro.

A quem fere , a quem rouba , a infame deixã  
Que a traz do vicio em liberdade corra ,  
Eu honro as leis do Imperio , ella me opprime  
N'esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa  
Co' a sólida razão se não coaduna ,  
Como me queixo da Fortuna tanto ,  
Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa  
Que os Sábios fingem que huma roda move  
He só a occulta mão da Providencia ,  
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que não vemos ;  
A que fins nos conduz por estes modos ;  
Por torcidas estradas , ruins vareadas  
Caminha ao bem de todos.



Alegre-se o perverso com as ditas;  
C'o seu mrecimento o virtuoso;  
Parecer desgraçado, ó minha bella,  
He muito mais honroso.

---

## L Y R A XXVII.

**A** MINHA amada  
He mais formosa  
Que branco lyrio,  
Dobrada rosa,  
Que o cinnamomo,  
Quando matiza  
Co' a fôlha a flor.  
Venus não chega  
Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo chêa,  
Quando na sésta  
C'o vento ondêa,  
Ao seu cabello  
Quando flutua  
Não he igual.  
Tem a côr negra:  
Mas quanto val!

Os astros, que andão  
Na esfera pura,  
Quando scintilão  
Na noite escura,  
Não são humanos,  
Tão lindos, como  
Seus olhos são.  
Que ao Sol excedem  
Na luz que dão.

A's brancas faces ,  
Ah ! não se atreve  
Jasmis de Italia ,  
Nem inda a neve ,  
Quando a desata  
O Sol brilhante  
Com seu calôr.  
São neve , e causão  
No peito ardôr.

Na breve boca  
Vejo enlaçadas  
As finas per'las  
Com as granadas ;  
A par dos beijos  
Rubins da India  
Tem preço vil.  
Nelles se agarrão  
Amores mil.

Se não lhe dêsse  
Compadecido  
Tanto soccorro  
O Deos Cupido ;  
Se não vivêra  
Huma esperança  
No peito seu ;  
Já morto estava  
Obom Dirceo.

Vê quanto póde  
Teu bello rosto ;  
E de goza-lo  
O vivo gosto !  
Que sobmergido  
Em hum tormento  
Quasi infernal ,  
Porqu' inda espero  
Resisto ao mal.

## L Y R A XXVIII.

**D**ETEN-TE, vil humano,  
Não espremas cicutas  
Para fazer-me damno.

O çumo que ellas dão he pouco forte,  
Procura outras bebidas,  
Que apressen mais a morte.

Desce ao Reino profundo,  
Ajunta ahi venenos,  
Que nunca visse o mundo ;  
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,  
Nos dentes retorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,  
Que pôz a Natureza,  
Dentro no Mar salgado,  
Não se abala no meio da tormenta;  
Bem que huma onda, e outra onda  
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra  
As robustas raizes,  
Buscando o centro, afferra,  
Não teme ao furacão mais violento;  
E menos se se deixa  
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rócha, ó bella,  
Que agoita o Sul que brama,  
E o Mar, que se encapella:  
Não temas que do rosto a côr se mude:  
Vence as róchas, e os troncos  
A sólida Virtude.

A maior desventura  
He sempre a que nos lança  
No horror da sepultura:  
O cobarde a morrer tambem caminha;  
Com que males não póde  
Huma alma como a minha?

## LYRA XXIX.

**E**u descubro procurar-me  
Gentil mancebo, e loiro,  
Trazia a testa adornada  
Com folhas de verde loiro.  
Vejo ser o Pai das Musas,  
E me entrega a lyra d'oiro.

Já basta, me diz, ó filho,  
Já basta de sentimento;  
O cançado peixe exige  
Hum breve contentamento.  
Louva a formosa Marilia  
Ao som do meu instrumento.



Firo as cordas; mas que importa?  
 A dôr não socega em tanto.  
 Ergo a voz, então reparo  
 Que quanto mais corre o pranto  
 He mais doce, e mais sonoro  
 Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos  
 Na mão, que regia o braço;  
 E depois de estar suspenso,  
 De me houver hum largo espaço;  
 Assim diz: *o Deos Cupido*  
*Faz inda mais do que eu faço.*

*Eu te dou a minha lyra,*  
*Louva, louva a tua Bella;*  
*Porém vê que ta concedo*  
*Com condição, e cautella....*  
 Eu lhe corto a voz, dizendo,  
 Que só canto em honra della.

---

---

L Y R A   XXX.

**O** PAI das Musas,  
O Pastor loiro  
Deo-me, Marilia,  
Para cantar-te  
A lyra de oiro.

As cordas firo,  
O brando vento  
Teus dotes' leva  
Nas brancas azas  
Ao firmamento.

O teu cabelo  
Vale hum thesoiro;  
Hum só me adorna  
A sabia frente  
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos  
Amor assiste;  
Delles faz guerra;  
Ninguem lhe foge;  
Ninguem resiste.

Algumas vezes  
Eu o diviso  
Tão bem occulto  
Nas lindas cóvas,  
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos  
Tem os seusinhos  
Destros Amores ,  
Nelles se gerão  
Os Cupidinhos.

Vences a Venus ,  
Quando com arte  
As armas toma ,  
Porque mais prenda  
Ao fero Marte.

Eu produzia  
Estas idéas ,  
Quando , Marília ;  
O som escuto  
Das vis cadêas.

Dou hum suspiro,  
Corre o meu pranto;  
E inda bebendo  
Lagrimas tristes,  
De novo canto.

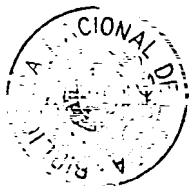
Sou da constancia  
Hum vivo exemplo.  
E vós, ó ferros,  
Honrareis inda  
De Amor o Templo.

---

---

L Y R A XXXI.

**R**OUBOU-ME, ó minha Amada, a sorte impia,  
Quanto de meu gosava  
N'um só funesto dia.



Hon.

Honras de maioral, manada grossa,  
Fertil, extensa herdade,  
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura,  
Que he sepulcro sem honras,  
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,  
Venha outro desgraçado  
Sentir também comigo.

Mas se esta compânhia não mereço;  
Os Deoses me dão outra,  
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;  
Tu mesma me acompanhas;  
Peno, mas hê comtigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,  
Os teus soltos cabellos,  
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera;  
Bem que subira ao Porto,  
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vózes magoadas,  
Com ardentes suspiros  
A's vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;  
Huma por hum beijo,  
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;  
Que o teu amor na ausencia  
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,  
De novo a molha o pranto  
Que de ternura verto.

Ah ! leve muito embora o duro Fado ;  
A tudo quanto tenho  
Com meu suor ganhado.

Eu juro , que do roubo nem me queixe ,  
Com tanto , ó minha cara ,  
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão ,  
Os que te amão , sómente  
Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;  
Que eu tenho aquella gloria ,  
Que a mil felizes nega.



## L Y R A XXXII.

**S**E o vasto mar se encapella,  
E na rócha em flor rebenta,  
Grossa náó, q' não tem léme,  
Em vão sustentar-se intenta;  
Até que naufraga, e corre  
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma Belleza,  
Em que ponha o seu cuidado,  
Se o Ceo se cobre de nuvens,  
E se assopra o vento irado,  
Não tem forças que resistão  
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra ,  
Aonde, Marilia, vivo ,  
Encosto na mão o rosto ,  
Fico ás vezes pensativo.  
Ah ! que imagens tão fuestas  
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra ,  
Marilia, toda enlutada ,  
A face de hum pai rugosa ,  
N'um mar de pranto banhada ,  
Os amigos mascilentos ,  
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos  
Para outro diverso lado ,  
Vejo n'ua grande Praça  
Hum Theatro levantado.  
Vejo as Cruzes , vejo os Potros ,  
Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio suor me cobre ,  
Lação-se os membros , suspiro ;  
Busco allivio ás minhas ancias ,  
Não o descubro , deliro.  
Já , meu Bem , já me parece ,  
Que nas mãos da morte espiro.

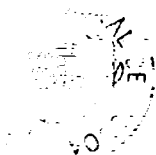
Vem-me então ao pensamento  
A tua testa nevada ,  
Os teus meigos , vivos olhos ,  
A tua face rosada ,  
Os teus dentes crystallinos ,  
A tua boca engraçada.

Qual , Marilia , a estrella d'alva ,  
Que a negra noite affugenta ,  
Qual o Sol , que a nevoa espalha  
Apenas a terra aqueenta ,  
Ou qual Iris , que o Ceo limpa ,  
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marília, desterro  
Triste illusão, e demencia;  
Faz de novo o seu officio,  
A razão, e a prudencia;  
E firmo esperanças doces  
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,  
Sóbe a viva côr ao rosto;  
Gyra o sangue pela vêa,  
E bate o pulso composto.  
Vê, Marília, o quanto póde  
Contra os meus males teu rosto,

F I M.



# MARILIA DE DIRCEO.

POR

F. A. G.

---

---

*TERCEIRA PARTE.*

---

---



L I S B O A :

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1812.

---

*Com licença.*

---

*Vende-se na loja da Gazeta.*

MARTINS DE DIACHO.

FOR

L. A. G.

TERCEIRA PARTE.



L. B. O. A.

NA LINGUAGEM REGIA. Livro 1212.

Com

Revisão de João de Castro.

## AO LEITOR.

**A** Geral acceitação , que a primeira , e segunda parte da Marilia de Dirceo tem devido ao Público , animou ao seu Editor a dar á luz huma terceira parte da dita Obra , a que fez juntar outras diversas Rimas do mesmo Author , que lhe fazem honra , e que abonão assás a distincta opinião que tem adquirido naquelle genero de Poesia. Adverte o Editor , que huma terceira parte da dita Marilia de Dirceo ha tempos publicada , he Obra de outro engenho , o que facilmente conhecerá ainda o Leitor menos intelligente.

NOTES

nos intelligente.





## MARILIA DE DIRCEO.

## LYRA I.

**C**onvidou-me a vêr seu Templo  
 O cego Cupido hum dia;  
 Encheo-se de gosto o peito,  
 Fiz deste Deos hum conceito  
 Como d'elle não fazia.

Aqui vejo descorados  
 Os ternissimos amantes  
 Entre as cadêas gemerem;  
 Vejo nas piras arderem  
 As entranhas palpitantes.

*A quem ama quanto avista ,  
 (Diz Cupido) não aterra:  
 Quem quer cingir o loureiro ,  
 Tambem vai soffrer primeiro  
 Todo o trabalho da guerra.*

*Com tudo que te dilates*

*Neste sitio não convenho ;*

*Deixa a estancia lastimosa ,*

*Vem vêr a Salla formosa ,*

*Aonde o meu Solio tenbo.*

Entro n'outro grande Templo :

Que perspectiva tão grata !

Tudo quanto nelle vejo

Passa além do meu desejo ,

E o discurso me arreбата.

He de marmore , e de jaspe

O soberbo frontespicio :

He todo por dentro d'ouro ,

E a hum tão rico tesouro

Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão

De sedas de finas côres :

Em lugar de cortinados

Estão prezos , e enlaçados

Fastões de mimosas flores.

Em torno da Salla Augusta  
Ardem dourados brazeiros;  
Queimão rezinas, que estalão,  
E postas em fumo exalão  
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do Throno os seus Genios  
Alegres hymnos entoão:  
Danção as Graças formosas;  
E aqui as horas gostosas  
Em vêz de correrem, vôão.

Estão sobre o pavimento,  
Igualmente reclinados  
Nos collos de seus amores,  
Os grandes Reis, e Pastores  
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,  
(Me diz, o Moço risonho:)  
*Como ainda não reparas  
Em tantas cousas tão raras,  
De que este Templo componho?*

*Sabes a historia de Jove?*

*Aqui tens o manso Touro;  
Tens o Cisne decantado;  
A Velha em que foi mudado,  
Com a grossa chuva d'ouro.*

*Applica, Dirceo, agora*

*Os olhos para esta parte:  
Aqui tens o verde Louro,  
Que inda estima o Pastor louro,  
E a Rede, que enlaça a Marte.*

*Vês este Arco destramente*

*De branco marfim ornado?  
A' Casta Deosa servia,  
E o perdêo quando dormia  
Do gentil Pastor ao lado.*

*Vês esta Lyra? com ella*

*Tira Orpheo ao bem querido  
Dos infernos aonde estava.  
Vês este Faról? guiava  
Ao meu nadador de Abydo.*

*Vês estas duas Espadas  
Ainda de sangue cheias?  
A Thysbe, e a Dido matárão;  
E os fortes pulsos armárão  
De Pyramo, e mais de Eneas.*

*Sabes quem vai no Navio,  
Que nesse mar se levanta?  
He Theseo. Vês esse Pomo?  
He de Cydippe, assim como  
São aquelles de Atalanta.*

*Vê agora estes retratos,  
Que destros pinceis fizeram:  
Ah! que pinturas divinas!  
Todos são das Heroínas,  
Que mais victorias me dêrão.*

*Repara nesse semblante,  
He o semblante de Helena:  
Lá se avista a Grega Armada,  
E aqui de Troja abrazada  
Se mostra a funesta scena.*

*Vês est'outra formosura?*

*He a bella Deidamía;*

*Lá tem Achilles ao lado,*

*De hum saia disfarçado*

*Como com ella vivia.*

*Cleópatra he quem se segue:*

*Alli tens lançando a linha*

*Marco Antonio socegado,*

*Ao tempo em que Augusto irado,*

*Com armada mão caminha.*

*Aqui Hermes se figura:*

*Vê hum Sabio dos maiores,*

*Qual infame delinquente,*

*Ir desterrado sómente*

*Por contar os seus louvores.*

*Este he de Omphale o retrato:*

*Aqui tens (quem o diria!)*

*Ao grande Hercules sentado*

*Com as mais damas no estrado,*

*Onde em seu obsequio fia.*

*Anda agora a est'outra parte :*

*Conheces , Dirceo , aquella ?*

Onde váes ? (lhe digo :) explica ,

Que belleza aqui nos fica ,

Sem fazeres caso della ?

Ergo os olhos ponho a vista

Na imagem não explicada ,

O' quanto he digna de apreço !

Mal exclamo assim , conheço

Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos

Em terno pranto sahia ,

E no meu peito saltava :

Disfarçado Amor , olhava

Para mim a furto , e ria.

Depois de passado tempo ,

A mim se chega , e me aballa ;

Desperto de tanto assombro :

Elle bate no meu hombro ,

E assim affavel me falla.

*Sim, caro Dirceo, he esta  
A divina formosura,  
Que te destina Cupido;  
Aqui tens o laço urdido  
Da tua immortal ventura.*

*O Numen, Dirceo, o Numen  
Que aos trabalhos de hum humano  
Desta sorte felicita,  
Não he, como se accredita,  
Não he hum Numen tyranno.*

*Olha se a cega Fortuna  
De tudo quanto se cria,  
Ou nos mares, ou na terra,  
Em o seu thesouro encerra  
Outro bem de mais valia?*

*Lizas faces cór de rosa,  
Branços dentes, olhos bellos,  
Grossos beiços encarnados,  
PESCOÇO, e peitos nevados,  
Negros e finos cabellos;*



*Não vale mais , que cingires  
Co' braço de sangue immundo  
Na cabeça o verde louro ?  
Do que teres montes d'ouro ?  
Do que dares leis ao mundo ?*

*Ab ! ensina , sim ensina  
Ao vil mortal atrevido ,  
E ao peito que adora terno ,  
Que tem para hum Inferno ,  
Para o outro hum Ceo , Cupido.*

Ao resto Amor me convida ;  
Eu chorando a mão lhe beijo :  
E lhe digo , Amor , perdôa  
Não seguir-te ; pois não vôa  
A vêr mais o meu dezejo.

---

LYRA II.

Em vão do amado  
Filho que foge ,  
Venus quer hoje  
Noticias ter.

Sagaz , e astuto  
Elle se esconde  
Em parte aonde  
Ninguem o vê.

Dos signaes dados  
Bem se conhece ,  
Que elle aborrece  
A Mãi que tem.

Se os seus defeitos  
Ella pública, e  
Razão lhe fica  
De se offender.

Foge o Menino,  
E disfarçado  
Vive abrigado  
N'uma cruel.

Com mil caricias  
A impia o trata;  
Nem o desata  
Do peito seu.

Se a semelhança  
Sempre amor gera,  
Deve huma fera  
Outra acolher.

( 16 )

Ah! se o teu nome,  
Marilia, calo,  
Que de ti fallo  
Bem pódes crer.

---

## LYRA III.

Tu não verás, Marília, cem captivos  
Tirarem o cascalho, e a rica terra,  
Ou dos cercos dos rios caudelosos,  
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao habil negro  
Do pezado esmeril a grossa areia;  
E já brilharão os granetes de ouro,  
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,  
Queimar as capoeiras inda novas,  
Servir de adubo á terra a fertil cinza,  
Lançar os grãos nas cóvas.

Não verás enrolar negros pacotes  
Das secas folhas do cheiroso fumo;  
Nem espremer entre as dentadas rodas  
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espacosa meza  
 Altos volumes de enredados feitos ;  
 Ver-me-has folhear os grandes livros ,  
 E decidir os pleitos.

Em quanto révolver os meus Consultos ,  
 Tu me farás gostosa companhia  
 Lendo os fastos da sabia , mestra Historia ,  
 Os Cantos da Poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella ;  
 Eu vendo que lhe dás o justo appraço ,  
 Gostoso tornarei a lêr de novø  
 O cansado processo.

Se encontrares louvada huma belleza ,  
 Marilia , não lhe envejes a ventura ,  
 Que tens quem leve á mais remota idade  
 A tua formosura.

---

## LYRA IV.

Amor por acaso  
A hum pouso chegava ,  
Aonde acolhida  
A Morte se achava.

Risonhos , e alegres  
Os braços se dêrão ,  
E as armas unidas  
N'um sitio pozerão.

De empresas tamanhas  
Cansados já vinhão ,  
E em larga conversa  
A noite entretinhão.

Hum conta que ha pouco  
A seta aguçada  
Em huma belleza  
Deixára empregada.

Diz outro que as flexas  
Cravára no peito  
De hum grande , que teve  
O Mundo sujeito.

Em quanto das forças  
Cada hum persumia ,  
Seus membros já laços  
O somno rendia.

Dormindo tranquillos  
A noite passárão ,  
E inda antes da Aurora  
Com ancia acordárão.



*He tempo que o leito  
Deixemos, ó Morte;  
Amor, já erguido  
Fallou desta sorte.*

*He tempo, em resposta  
A morte repete,  
Que á nossa fadiga  
Dormir não compete.*

*As armas colhamos,  
Voltemos ao giro:  
Cada hum a seu gosto  
Empregue o seu tiro.*

*Vão inda c' os olhos  
Em somno turbados,  
Ao sitio em que os ferros  
Estão pendurados.*

Amor para as setas  
Da morte se enclina :  
De amor logo a Morte  
C'o as flexas atina.

Oh golpes tyrannos !  
Oh mãos homicidas !  
São tiros da Morte  
De Amor as feridas.

De hum sonho , que pinto ,  
Marilia conhece ,  
Se amor , ou se morte  
Este alma padece.

" "

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

" "

" "

## LYRA V.

Eu não sou, minha Nize, pegureiro,  
Que viva de guardar alhão gado;  
Nem sou pastor grosseiro  
Dos frios gêlos, e do Sol queimado,  
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.  
Graças, ó Nize bella,  
Graças á minha Estrella!

A Cressa não igualo no thesouro:  
Mas deo-me a Sorte com que honrado viva.  
Não cinjo corôa d'ouro;  
Mas Póvos mando, e na testa altiva  
Verdeja a Corôa do Sagrado Louro.  
Graças, ó Nize bella,  
Graças á minha Estrella!

Maldito seja aquelle, que só trata  
De contar escondido a vil riqueza!

Que cego se arrebatava  
Em buscar nos Avós a vã nobreza,  
Com que aos mais homens seus iguaes abata.  
Graças, ó Nize bella,  
Graças á minha Estrella!

As fortunas que em torno de mim vejo,  
Por falsos bens que enganão não reputo;  
Mas antes mais desejo,  
Não para me voltar soberbo em bruto  
Por vêr-me grande quando a mão te beijo.  
Graças, ó Nize bella,  
Graças á minha Estrella!

Pela Ninfa que jaz vertida em Louro,  
O grande Deos Apollo não delira?  
Jove mudado em Touro,  
E já mudado em Velha não suspira?  
Seguir aos Deoses nunca foi desdouro.  
Graças, ó Nize bella,  
Graças á minha Estrella.

Pertendão Hanibaes honrar a Historia,  
E cinjão com a mão de sangue chêa  
Os louros da victoria.

Eu revolvo os teus dons na minha idéa:  
Só dons que vem do Ceo são minha gloria.  
Graças, ó Nize bella,  
Graças á minha Estrella!

---

LYRA VI.

*Traducção.*

Amor que seus passos  
Ligeiro movia ,  
Por mil embaraços  
Que hum bosque tecia.

Nos hombros me acena  
Com brando raminho ;  
E logo me ordena  
Que siga o caminho.

Por entre a espessura  
Do bosque me avanço :  
E a traz da ventura  
Incauto me lanço.

Já tinha calcado  
Os montes mais duros;  
C' o peito rasgado  
Os rios escuros.

Eis que huma serpente  
A lingua vibrando,  
Me crava o seu dente,  
Me deixa espirando.

Então sorprendida  
Da dôr que a traspassa,  
Minha alma ferida  
Aos beijos se passa.

As iras detesta  
Amor isto vendo,  
E as azas na testa  
Me bate dizendo :

*Tu choras , tu gemes*  
*Da Serpe tocado ,*  
*E o braço não temes*  
*De hum Numen irado?*

---



---

LYRA VII.

Tu, formosa Marília, já fizeste  
Com teus olhos ditosas as campinas,  
Do turvo Ribeirão em que nasceste:

Deixa, Marília, agora

As já lavradas terras;

Anda affoita romper os grossos mares,

Anda encher de alegria estranhas terras.

Ah! que por ti suspirão

Os meus saudosos lares.

Não corres como Sapho sem ventura  
 Em seguimento de hum cruel ingrato,  
 Que não sede aos encantos da ternura:

Segues a hum fino amante,  
 Que a perder-te morria.

Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella;  
 Tu já foste no Sul a minha guia.

Ah! deves ser no Norte  
 Também a minha Estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado  
 Aplaiar co' tridente as crespas ondas;  
 Ficar como dormindo o mar salgado.

Verás, verás d' alheta

Soprar o brando vento,

Mover-se o léme, disrinzar-se o linho,  
 Seguirem os Delfins o movimento,

Que leva na carreira

O empavezado pinho.

Verás como o Leão na prôa arfando  
 Converte em branca espuma as negras ondas  
 E as talha, e corta com murmurio brando.

Verás, verás Marilia

Da janella dourada,

Que huma comprida estrada representa

A linfa cristalina, que pizada

Pela poupa que foge

Em borbutões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso,

Tornar ao torto anzol depois de o terem.

Pela rasgada boca ao ar suspenso:

Os pequenos peixinhos

Quaes passaros voarem:

De toninhas verás o mar coalhado,

Ora surgirem, ora mergulharem,

Fingindo ao longe as ondas

Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta  
 Hum repuxo formando com as aguas,  
 Que ao ar espalha da robusta venta.

Verás em fim, Marilia,  
 As nuvens levantadas  
 Humas de côr azul, ou mais escuras,  
 Outras de côr de rosa, ou prateadas  
 Fazerem no Orizote  
 Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Téjo,  
 Apenas elle vir o teu semblante  
 Dará no léme do baixel hum beijo.

Eu lhe direi vaidoso:  
 Não trago, não comigo  
 Nem pedras de valor, nem montes d'ouro,  
 Roubei as aureas Minas, e consigo  
 Trazer para os teus cofres  
 Este maior Thesouro.

## LYRA VIII.

Em cima dos viventes fatigados  
As verdes dormideiras espremia,  
Os mentirosos sonhos me cercavão.

Na vaga fantasia  
Ao vivo me pintavão  
As glórias, que desperto  
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Náo possante  
Nos braços conduzindo a minha bella;  
Voltêa a grande roda, e a grossa amarra  
Se enlêa em torno della:  
Já ponho a prôa á barra,  
Já cáhe ao som do apito  
Ora huma, ora outra véla.

Os arvoredos já se não distinguem :  
 A longa praia ao longe não branqueija ;  
 E já se vão sumindo os altos montes,  
     Já não ha que se veja  
     Nos claros Orizontes,  
     Que não sejam vapores,  
     Que Ceo, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras ondas,  
 E o pinho qual rochedo estar parado :  
 Ergue-se a onda, vem á Náo direita  
     E quebra no costado :  
     O Navio se deita,  
     E ella finge a ladeira  
     Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes ;  
 Cahir do Lâes a linha, que os engana :  
 Hum dourado no anzol está pendente,  
     Soffre morte tyranna :  
     Entre tanto que a sente  
     Ao tombadilho açoita  
     A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma Carroça  
De formosas conchinhas enfeitada ;  
Delfins a movem , e vem Thetis nella :

Na popa está parada :  
Nem pôde a Deosa bella  
Tirar os brandos olhos  
Da minha doce amada.

Nas costas dos Golfinhos vem montados  
Os nâz Tritões , deixando a Esfera cheia  
Co' rouco som dos buzios retorcidos.

Recrêa , sim recrêa  
Meus attentos ouvidos  
O canto sonoro  
Da musica Serêa.

Já sóbe ao grande mastro o bom gageiro ;  
Descobre arrumação , e grita terra :  
A' murada caminha alegre a gente ;

Alguns entendem que erra :  
Pelo immovel sómente  
Conheço não ser nuvem ,  
Sim o cume de alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres :  
(E que nova alegria me arrebatá !)

De Cascaes a muleta já vem perto ,  
Já de abordar-nos trata :  
Já o piloto esperto  
Inda debaixo manda  
Soltar mezena , e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra :  
A grossa artilheria já me atrôa.  
Lá ficão Paço de Arcos , e a Junqueira.  
Já corre pela prôa  
Huma amarra ligeira ;  
E a Náo já fica surta  
Diante da grã Lisboa.

Agora , agora sim , agora espero  
Renovar da amizade antigos laços :  
Eu vejo ao velho Pai , que lentamente  
Arrasta a mim os passos :  
Ah como vem contente !  
De longe mal me avista  
Já vem abrindo os braços.



Dóbro os joelhos pelos pés o aperto,  
E manda que dos pés ao peito passe:  
Marilia quanto eu fiz fazer intenta;  
Antes que os pés lhe abrace  
Nos braços a sustenta;  
Dá-lhe de filha o nome,  
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada (ó Ceos!) acódo,  
Conheço não estar no claro Téjo.  
Abro os olhos, procuro a minha amada,  
E nem se quer a vejo.  
Venha a hora affortunada,  
Em que não fique em sonhos  
Tão ardente desejo.

---

*A humilde despedida.*

Chegou-se o dia mais triste,  
 Que o dia da morte fêa:  
 Cahi do throno Dirceá,  
 Do throno dos braços teus.

Ah! não posso, não, não posso  
 Dizer-te meu bem adeos.

Impio Fado, que não pôde  
 Os doces laços quebrar-me,  
 Por vingança quer levar-me  
 Distante dos olhos teus.

Ah! não posso, não, não posso  
 Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim, e vou sem vêr-te,  
 Que neste fatal instante,  
 Ha de ser o teu semblante  
 Mui funesto aos olhos meus.

Ah! não posso, não, não posso  
 Dizer-te meu bem adeos.

E crês, Dircéa, que devem  
Vêr meus olhos penduradas  
Tristes lagrimas salgadas  
Correrem dos olhos teus?

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

De teus olhos engraçados,  
Que poderão piedosos,  
De tristes em venturosos  
Converter os dias meus?

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos divinos,  
Que ternos, e socegados  
Enchem de flores os prados,  
Enchem de luzes os Ceos?

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos em fim ,  
Que domão Tigres valentes ?  
Que nem rigidas Serpentes  
Resistem aos tiros seus ?

Ah ! não posso , não , não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

Da maneira que seriam  
Em não vêr-te criminosos  
Em quanto forão ditosos ,  
Agora seriam réos.

Ah ! não posso , não , não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim , Dircéa bella ,  
Rasgando os ares cinzentos ;  
Virão nas azas dos ventos  
Buscar-te os suspiros meus.

Ah ! não posso , não , não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

Talvez , Dircéa adorada ,  
Que os duros Fados me neguem  
A gloria de que elles cheguem  
Aos ternos ouvidos teus.

Ah ! não posso , não , não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

Mas se ditosos chegarem ,  
Pois os sólto a teu respeito ;  
Dá-lhes abrigo no peito ,  
Junta-os c' os suspiros teus.

Ah ! não posso , não , não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

E quando tornar a vêr-te  
Ajuntando rosto , a rosto ,  
Entre os que dérmos de gosto ;  
Restitue-me então os meus.

Ah ! não posso , não , não posso  
Dizer-te meu bem adeos.

## C A N Ç Ã O.

Dês que vi , formosa Elvira ,  
Os teus divinos cabellos ,  
Esses vivos olhos bellos ,  
Que invéja dos astros são ,  
Foi-se , Elvira , foi-se embora  
Toda a paz do coração.

E talvez , talvez que Elvira  
Nem se lembre de que Alceo ,  
Se suspira ,  
Se delira ,  
He só por motivo seu.

Em quanto, Elvira, se occulta  
A meus olhos teu semblante,  
Hum minuto, hum breve instante  
Parece que fim não tem.  
Se alcanço de vêr-te a gloria,  
Então vóa o tempo bem.

E talvez, talvez que Elvira  
Nem se lembre de que Alceo,  
Se suspira,  
Se delira,  
He só por motivo seu.

Quando te ris por acaso  
Para outro qualquer sujeito,  
Estala dentro do peito  
De ciume o coração :  
Se me pões os olhos julgo  
Que zombas de mim então.

E talvez, talvez que Elvira  
Nem se lembre de que Alceo,  
Se suspira,  
Se delira,  
He só por motivo seu.

Quando ha brinco na floresta,  
 E a divina Olaia canta,  
 O mesmo gado levanta  
 A cabeça para ouvir.  
 Só por mais que Alceo forceje  
 Não póde o prazer fingir.

E talvez, talvez que Elvira  
 Nem se lembre de que Alceo,  
 Se suspira,  
 Se delira,  
 He só por motivo seu.

Quando levo á clara fonte  
 O rebanho do meu gado,  
 Cáhe-me da mão o cajado,  
 E com ella á testa vou:  
 Fico pasmado, e ignoro  
 O lugar aonde estou.

E talvez, talvez que Elvira  
 Nem se lembre de que Alceo,  
 Se suspira,  
 Se delira,  
 He só por motivo seu.



Quando vou segar o trigo,  
(Olha bem como ando cego.)  
N' uma parte nelle pego,  
Metto n' outra a fouce em vão;  
Dos que vem alguns se riem,  
Outros mostram compaixão.

E talvez, talvez que Elvira  
Nem se lembre de que Alceo,  
Se suspira,  
Se delira,  
He só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,  
Sempre sonho que te vejo,  
Que te fallo, e que te beijo  
A branca nevada inão.  
Acórdo, Pastora, e foges:  
Eu fico mais triste então.

E talvez, talvez que Elvira  
Nem se lembre de que Alceo,  
Se suspira,  
Se delira,  
He só por motivo seu.

Quando alguém meu mal pergunta,  
 Bem que seja a vez primeira,  
 Rompo ainda que não queira  
 O segredo sem saber.  
 O teu nome, Elvira, digo,  
 Quando devo o seu dizer.

E talvez, talvez que Elvira  
 Nem se lembre de que Alceo,  
 Se suspira,  
 Se delira,  
 He só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,  
 Para hum bosque me retiro;  
 Com desafogo suspiro,  
 E chamo por ti meu bem.  
 Os valles que se enternecem .  
 Chamão-te ao longe tambem.

E talvez, talvez que Elvira  
 Nem se lembre de que Alceo,  
 Se suspira,  
 Se delira,  
 He só por motivo seu.

Quando escuto o triste mocho  
 A gemer no meu telhado,  
 Qualquer mal excogitado  
 Não me deve algum temor:  
 Só receio que me agoure  
 Máo successo ao meu amor.

E talvez, talvez que Elvira  
 Nem se lembre de que Alceo,  
 Se suspira,  
 Se delira,  
 He só por motivo seu.

Os pastores que me avistão  
 Com o dedo já me apontão,  
 E á roda do fogo contão  
 Da maneira que me vem.

Sou o exemplo dos amantes  
 Que esta nossa Aldêa tem.

E talvez, talvez que Elvira  
 Nem se lembre de que Alceo,  
 Se suspira,  
 Se delira,  
 He só por motivo seu.

## S O N E T O I.

He gentil, he prendada a minha Altéa;  
As graças, a modestia do seu rosto  
Inspirão no meu peito maior gosto,  
Que vêr o proprio trigo quando ondêa.

Mas vendo o lindo gesto de Dircéa  
A nova sugeição me vejo exposto;  
Ah! que he mais engraçado, mais composto,  
Que a pura Esfera de mil astros chêa.

Prender as duas com grilhões estreitos  
He huma acção (ó Deoses!) inconstante,  
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de hum triste amante,  
Ou fôrma de Lorino dous sugeitos,  
Ou fôrma desses dous hum só semblante.

## S O N E T O II.

N'um fertil campo do soberbo Douro,  
Dormindo sobre a relva descansava,  
Quando vi que a Fortuna me mostrava  
Com alegre semblante o seu Thesouro.

De hum a parte hũ montão de prata, e ouro  
Com pedras de valor o chão curvava;  
Aqui hum sceptro, alli hum trono estava,  
Pendião coroas mil de grama, e louro.

*Acabou-se (diz-me então) a desventura:  
De quantos bens te exponho qual te agrada,  
Pois benigna os concedo, vai, procura.*

Escolhi, acordei, e não vi nada:  
Commigo assentei logo que a ventura  
Nunca chega a passar de ser sonhada.

## S O N E T O III.

Enganei-me, enganei-me, paciência ;  
 Accreditei as vozes, cri, Ormia,  
 Que a tua singeleza igualaria  
 A' tua mais que angelica apparencia.

Enganei-me, enganei-me, paciência ;  
 Ao menos conheci que não devia,  
 Pôr nas mãos de huma externa galhardia  
 O prazer, o soteço, e a innocencia.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante,  
 E nada me admiro de faltares,  
 Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdestes mais em me enganares ;  
 Que tu não acharás hum firme amante,  
 E eu posso de traidoras ter milhares.

## S O N E T O IV.

Ainda que de Laura esteja ausente,  
Ha de a chama durar no peito amante;  
Que existe retratado o seu semblante,  
Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vêla, e eternamente  
Abraço a sombra vã; só nesse instante  
Conheço qu'ella está de mim distante,  
Que tudo he illusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a vêr Amor resista;  
Porque minha paixão, que aos Ceos he grata,  
Por innocente assim melhor persista:

Pois quando só na idéa ma retrata,  
Debuxa os dotes com que prende vista,  
Esconde as obras com que offende ingrata.

## S O N E T O V.

Ao Templo do Destino fui levado :  
Sobre o Altar hum Cofre se firmava ,  
Em cujo seio cada qual buscava  
Tremendo annuncio do futuro estado.

Tiro hum papel , e leio : Ceo Sagrado !  
Com quanta causa o coração pulsava :  
Este duro Decreto escrito estava ,  
Com negra tinta pela mão do Fado.

*Adore Polidoro a bella Ormia ,  
Sem della conseguir a recompensa ,  
Nem quebrar-lhe os grilhões a tyrannia.*

Das mãos, Amor mo arranca, e sem detença  
Tres vezes o levando á boca impía ,  
Jurou comprir á risca a tal sentença.



## S O N E T O VI.

Ergue-te , ó Pedra , e desde a margem fria ,  
Que os muros banha a Lusitana Athenas ,  
Mostra-me as desmaiadas assucenas  
Do rosto que me occupa a fantasia.

Deixa ã eu beije a mão , ã pôde hum dia  
Ceder de amor ás lastimosas scenas ;  
Q' entre as ancias , a dôr , a mágoa , as penas  
Renove a saudosa idolatria.

Ûolto do véo mortal , oh Feliz Astro ,  
Une ao cadaver a truncada testa ,  
Levanta o bello cólo de alabastro :

Huma alma grande junto a ti protesta  
Fazer a gloria da defunta Castro ;  
A illustre Neta vez : Maria he esta.

*A' Illustrissima e Excellentissima Senho-  
ra Condessa de Cavalleiros , D. Maria  
José de Eça e Bourbon.*

## SONETO VII.

Quantas vezes Lidora me dizia ,  
Ao terno peito minha mão levando ,  
Conjurem-se em meu mal os Astros , quando  
Achares no meu peito aleivosia.

Então que não chorasse lhe pedia ,  
Por firme seu amor acreditando ;  
Ah ! que em movendo os olhos suspirando  
Ao mais acautellado enganaria.

Hum anno assim viveo : ó Ceos ! agora  
Mostrou que era mulher : a natureza  
Só por não se mudar a fez traidora.

Não , não darei mais cultos á belleza ,  
Que depois de faltar á fé , Lidora ,  
Nem creio que nas Deosas ha firmeza.

## S O N E T O VIII.

O Numen Tutelar da Monarquia,  
 Que fez do grande Henrique a invicta espada,  
 Procurou dos Destinos a morada,  
 Por consultar a idade que viria.

A mil, e mil heróes descriptos via,  
 Que exaltão de Furtado a estirpe honrada,  
 E na serie, que adora dilatada,  
 O nome de Francisco descobria.

Contempla huma por hũa as letras d'ouro,  
 Este penhor, que o tempo não consome,  
 Promette ao Reino seu maior thesouro.

Prosta-se o Genio: e sem q̃ a empreza tome  
 De lhe buscar sequer mais outro agoiro,  
 O sitio beija, e lhe mostra o nome.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor  
 Visconde de Barbacena, Francisco Furta-  
 do de Mendonça.*

## S O N E T O IX.

Nascer no berço da maior grandeza ,  
De palmas , e de louros rodeado ,  
Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,  
Que illustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora , e preza  
O dom que o nobre sangue trás herdado  
Pela propria virtude sustentado ,  
Feliz o objecto da presente empreza.

De mil Heróes no Téjo vencedores  
Hum ramo nasce , hum ramo que a memoria  
Faz immortal de seus Progenitores.

Eu leio em vaticinio a sua historia ;  
Une Francisco a par de seus maiores  
Ao herdado esplendor a propria gloria.

*Ao mesmo excellentissimo Visconde.*

## S O N E T E X.

Mudou-se em fim Lidora, essa Lidora  
Por quem mil vezes fé me foi jurada;  
Que vos detem (ó Ceos!) que castigada  
Ainda não deixais tão vil traidora?

Não haja piedade: sinta agora  
A dita sem remedio em mal trocada;  
Pois se assim não succede, fica ousada  
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos Ceos... , mas ah! q̃ digo?  
Que maltrateis Lidora? o sentimento  
Privou-me do discurso, eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;  
Pois sei que a compaixão do seu castigo,  
Hade augmentar depois o meu tormento.

## S O N E T O    X I .

A Deos cabana , a Deos ; a Deos , ó gado ,  
Albina ingrata , a Deos , em paz te deixo :  
A Deos doce rabil , neste alto freixo  
Te fica ao meu destino consagrado.

Se te for meu successo perguntado ,  
Não declares rabil de quem me queixo ;  
Não quero que se saiba vive Aleixo  
Por causa de huma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido ,  
Lhe dize então piedoso : Ah ! vaite embora ,  
Atalha os damnos , que outros tem sentido.

Habita nesta Aldêa huma Pastora  
De rosto bello , coração fingido ,  
Humas vezes cruel , e as mais traidora.

## S O N E T O XII.

Com peçadas cadeias maniatado,  
A's vozes da razão insurdecido,  
Dos Ceos, de mim, dos homens esquecido  
Me vi de amor nas trévas sepultado.

Alli aliviava o meu cuidado  
Cô dar de quando em quando algum gemido :  
Ah tempo ! que sómente reflectido  
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade  
De Laura me tornou n'um breve dia  
Quanto a razão não pôde em longa idade.

Quebrei o vil grilhão que me opprimia :  
O' feliz de quem gosa a liberdade !  
Bem que venha por mãos da aleivosia.

## S O N E T O XIII.

Obrei quanto o discurso me guiava ;  
Ouvi os Sabios quando errar temia :  
Aos bons no gabinete o peito abria ;  
Na rua a todos como iguaes honrava.

Julgando os crimes nunca voto dava  
Mais duro , ou pio do que a Lei pedia ;  
Mas podendo salvar o justo ria ,  
E devendo punir ao réo chorava.

Nem forão , Villa Rica , os meus intentos  
Metter em ferreo cofre copia d'ouro ,  
Que chegue aos filhos , e que passe aos netos.

Outras são as venturas que me agouro :  
Ganhei saudades , adquiri affectos ,  
Vou fazer destes bens melhor thesouro.

*Feito quando o Author acabou o Lugar  
de Ouvidor de Villa Rica , e foi despachado  
para Desembargador da Bahia.*



## S O N E T O    XIV.

Quando o torcido buço derramava  
Terror no aspecto ao Portuguez sisudo ,  
Quando sem pó , nem oleo o pente agudo  
Duro intonso o cabello em laço atava.

Quando contra os Irmãos o braço armava  
O forte Nuno oppondo escudo , a escudo ;  
Quando a palavra que perfere a tudo  
Com a barba arrancada João firmava.

Quando a mulher á sombra do marido  
Tremar se via : quando a Lei prudente  
Zelava o sexo do civil ruido ;

Feliz então , então só innocente  
Era de Luso o Reino : oh bem perdido !  
Ditosa condição , ditosa gente !

## S O N E T O   X V .

Sombras illustres dos varões famosos ,  
 Que á Grecia , e Roma destes Leis hum dia ;  
 Vós que do Elysio na região sombria  
 Respiraes entre os Zefiros mimosos :

Grande Licurgo , ó tu Solon , q̃ honrosos  
 Louros cingis , que egregia companhia  
 Fazeis aos Mazzarinos , eu queria  
 Adorar vossos vultos magestosos .

Vós fizesteis da vossa Patria a gloria ;  
 Por vós hoje he feliz a humanidade :  
 Que dignos sois de huma immortal historia!

Cesce , cesse porém vossa vaidade ;  
 Que basta a escurecer vossa memoria  
 Hum Carvalho , que adora a nossa idade.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor  
 Marquez de Pombal reformando a Uni-  
 versidade de Coimbra.*

## S O N E T O XVI.

As molles azas a bater começa  
Entre as palhas o tenro passarinho,  
E largos dias por deixar o ninho  
Se cança, se fadiga, se arremeça.

Hú impulso, outro impulso é vão se apresa,  
Já se firma no pé, já no biquinho,  
Nas folhas se tem, passa ao raminho  
Té que a penna se esforce, e se endureça.

Quando enfim he capaz de movimento  
Deixa os arbustos vaga pelos ares,  
E sobre as altas faias toma assento:

Estes sejam, Salicio, os exemplares  
Em que a vossa virtude anime o alento,  
Porque hum dia da Fama honre os Altares.

*Ao Illustrissimo Senhor Luiz Beltrão de  
Gouvea.*

O D E.

Se entre as louras arêas  
Do meu Jaquitinhonha , hum Genio erguido  
A's Regiões alheas  
Manda que em doce metro reppetido  
Hoje o teu Nome leve ,  
Tanto á virtude , meu Beltrão , se deve.

Vejo a sordida inveja  
De ira morder-se , e as serpes sacudindo  
Por se tragar forceja :  
De pejo , e de vergonha em vão cobrindo  
Co' as frias mãos o rosto ,  
Geme a calumnia no mortal desgosto.

Vós , Genios fortunados ,  
Que do Templo da Gloria honrais a estancia ,  
Os meritos sagrados  
Cantai do bom Ministro : He a constancia ,  
A sab'a fortaleza  
He quem o guia na maior empreza.

Se os rigidos palmares  
 Da Idumeya consulto ; o bravo Noto  
 Os tormentosos ares  
 Não podem mais dobralos : zomba immoto ,  
 Nem ás ondas tem medo  
 Sobranceiro ao Egco , firme penedo.

Tal a constancia tua  
 Em meio foi dos perfidos rumores ;  
 A verdade , que nua  
 Derramava em teu rosto as vivas côres ,  
 Sobre as aras decentes  
 Vio por triumpho mil trofeos pendentes.

A vigilancia , o zelo ,  
 A rectidão do espirito ; elevada  
 Ao gráo mais rico , e bello ,  
 Essa virtude , que nos traz provada  
 Em meio dos Thesouros  
 A sá virtude , que enobrece os Louros :

Tudo , tudo apparece  
 Sabio Ministro da victoria ao lado ;  
 Athenas , que me offerece  
 No seu público Erario accreditado  
 Aristides , o Justo ,  
 Em ti acena o seu modelo augusto.

Mil vezes orgulhosa  
Negra calumnia o seu desterro tenta ;  
A virtude preciosa  
Contra o fero Themistocles sustenta.  
Não ha força que baste ,  
Não ha poder que o peito lhe contraste.

Feliz o Rei , o Povo ,  
Feliz tambem de Themis a ballança ;  
De hum modo raro , e novo .  
Nas tuas mãos eu vejo , que descança :  
Aos premios , ao castigo  
Se reparte sem queixa o braço amigo.

Ah ! sinta a nossa idade  
De hum sangue illustre , de hum talento raro  
A próvida igualdade !  
Melhor do que nos marmores de Pharo ,  
Em memoria aos vindouros  
T'ergue o Serro hú Padrão nos seus Thesouros.

---

*Imitando o sonho de Scipião.*

O D E.

Já vou tocando, ó Licio,  
De Lustros dez o fatigado termo;  
E já meu corpo enfermo  
Se avisinha da morte ao duro officio:  
Que cedo o meu destino me promete  
Calcar as sombras do medonho Lethe!

Eu descerei contente  
A ver os Manes dos Avós amados;  
Que bem aventurados,  
Se outro mundo tratarão, se outra gente!  
Não virão elles, como eu triste vejo,  
O velho mundo peiorar sem pejo.

Passarão da innocencia  
Pela candida estrada os pés levando;  
Inda a fera violencia  
Não corrompia da Justiça o mando;  
Praticava-se a prósvida igualdade  
Entre a Santa Virtude, e a vil maldade.

A pura fé do Amigo,  
Renovava de Orestes a memoria:  
Commum era o perigo,  
Reciproca tambem a pena, a gloria:  
Que traições, e que enganos tem disposto  
Em nossos dias hum fingido rosto!

Tudo se vê mudado  
Nesta idade fatal em que de ferro  
O Idolo adorado  
Torpemente protege o crime, o erro:  
Como de susto, e de vergonha cheia  
Se retira de nós a bella Astrea!

Ah! E quem de teus laços  
Deve ao pezo gemer, ó mundo cego?  
Rotos em mil pedaços  
Os teus grilhões a pendurar já chego;  
Não mais os teus encantos me deleitem,  
Estes miseros restos se aproveitem.

Que differentes climas  
Já me finjo habitar! Os brandos ares,  
Que tu Zefiro, animas  
Que prazeres me inspirão! Dos pezares,  
Das magoas, do desgosto, e do tormento  
Aqui não sôa o tragico lamento.



Sólto do mortal manto  
Cuido que o centro dos Elysios piso !

Oh quanto he bella , quanto  
A margem deste Lago ! Em fresco riso  
Lirios , e rosas , quaes não colhe Flora ,  
Aqui saudão a perpetua Aurora.

Adoravel sciencia ,  
Que encheste as noites , e esgotaste os dias ,  
Da humana intelligencia ,  
Agora sei quam longe te desvias !  
Este o seio da luz , aonde tudo  
Sem fadiga se alcança , e sem estudo !

O número , a distancia  
Dos Orbes Celestiaes já sabio admiro :  
Noto a eterna constancia  
Do Planeta da Luz ; observo o giro  
Da Terra , que regula a varia face  
Com que a proxima Lua , ou morre , ou nasce.

Certa , e firme a carreira  
Já marco de Saturno , Marte , ou Jove ,  
Da esfera derradeira  
Contemplo a força , que os mais Orbes move ;  
A harmonia me encanta acorde , e rara ,  
Que de Samos o Sabio já notára.

Aqui se patentêa  
 Dos errados systemas o conceito;  
 E longe a minha idéa  
 De vacilar, já firma o mais perfeito.  
 Quem senão tu, ó Genio, sobre humano  
 Libertar me podéra deste engano!

De Massinissa o Paço  
 De Carthago ao Heróe tal scena pinta:  
 Ao soberbo ameaço  
 Da Fortuna, elle vê clara, e distincta,  
 Qual o meu Genio me retrata agora,  
 A bella Patria, onde o descanso mora.

He este, ó Licio, he este  
 Sem dúvida, o Paiz bello, e sereno,  
 Aonde em paz celeste  
 Não respira da inveja o atroz veneno:  
 E aonde livres da infeliz mudança  
 Descança o teu, e o meu bom Pai descança.

Que doce companhia  
 Deveremos fazer-lhes? Ah se apresse  
 O momento que hum dia  
 Tão gostosa união nos lavra, e tece!  
 Cheguemos a beijar as Mãos Sagradas,  
 Que enchem de gloria as immortais Moradas.

Em praticas suaves

Alli as breves horas gastaremos ;

Nem já nos serão graves

Na lembrança os trabalhos que aqui temos ;

Nem da pezada humanidade nossa

Pena haverá , que atormentar-nos possa.

Mas tu , que dos humanos

Reges , ó Grande Deos , a dubia sorte ;

Tu , que a meta dos annos

Firmas , descendo de teu mando a morte ,

Dilata os dias do meu Licio , em quanto ,

Douto me instrue , e me entertem seu canto.



F I M.



64/22

Em praxias suas  
Vill as breves horas  
Nas lanchas os rapazes do aqueducto  
Nem a brava inundação  
E os seus...

...doz e mais  
Rios, o Grande Deus, a divina fonte;  
...a mais a mais  
Linha os fios do mar, em quanta  
Linha os fios do mar, em quanta

F. M.



